

Contos e Poemas
da Inês,
em Português e Inglês

Table of Contents

Contos e Poemas da Inês, em Português e Inglês	1
Table of Contents	2
Contos em Português	4
Uma carta	5
A família da Perna-Coxa	6
As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras	7
Quando eu tinha cinco anos...	8
Sentidos	9
Um conto	10
A Lenda dos Monges do Sado	11
A História do Hotel Lendário	12
Um sonho moralizador	13
O Verdadeiro Espírito de Natal	14
O Mundo da Imaginação	16
Viagem Insólita	20
A Menina Extraterrestre- Versão 1	21
A Menina Extraterrestre- Versão 2	22
Nós	23
Um Mistério por desvendar- o mistério das Profundezas	25
Acasos	30
Sem Título.	31
À vontade.	32
Memórias de uma velha	33
Mais uma Ceia	34
Micro Narrativa	35
Poemas em Português	36
O que eu gostaria de ver da janela do meu quarto	37
A Minha Moldura	38
A Folha Sonhadora	39
Brincar	40
13- Pontas Soltas	41
Pra Você	42
13 – Olha não sei. Sei lá	43
13 – Rael, Rutel, Rute e Rafael	44
13- Ele e ela, Ela e ele	45
Uma rele crónica	46
<>	48
Versos Soltos	49

Vitor	50
Body is a temple	50
À janela	51
7 gotas de perfume	52
100Centido	53
18 de Janeiro, 2021	66
Contos em Inglês	67
Film Review of Bicho de Sete Cabeças // Brainstorm	68
Consumerism	70
The Cupcake Killer	71
The World Around Us- Drinking Water from the Sky	72
That House	74
Teenagers in the 21st Century	75
Free Societies	75
Gravity	76
We	76
Poemas em Inglês	78
Gravity	79
13- Dreams	79
13- Lost	80
13- Fake	81
13- Classic Rebel	82
13- Snow	83
13- Game Boy	84
13 – Friday	85
June 5th, 2022	86
June 6th, 2022	87
June 6th, 2022	88
June 12th, 2022	89
July 15th, 2022	90
October 9th, 2022	91
October 21st, 2022	92
November 7th, 2022	93
November 15th, 2022	94
Soltos	94
February 24th, 2021 - La Noche Fuera	94

Contos em Português

Uma carta

Natércia,

Quando receberes esta carta, finalmente poderás saber o que aconteceu naquele ano, naquele mês, naquele dia, naquela hora e naquele local, que até hoje, me assombra e deslumbra simultaneamente.

Era eu ainda jovem quando fui chamado para uma embarcação que, segundo dizia o capitão, iria ser memorável, e foi. Era responsável pelos trabalhos de que ninguém queria ter. Limpava, servia, arrumava, informava, tratava das velas, tratava do abastecimento do vinho e nalguns casos, formava e instruía os prisioneiros para que também me pudessem ajudar. Não, não era escravo, era apenas daquelas pessoas que não tinha a boa vida dos capitães dos navios. A viagem corria bem e eu não me queixava apesar do posto. Além disso, tinha várias vantagens: conhecia novas terras, às vezes até comia bem e conhecia gente nova. Até um dia, em que tudo mudou. Era de noite e para caminho incerto íamos, quando nos deparamos com um nevoeiro em que, nem um palmo à frente se via. Foi tudo tão rápido! Uma onda virou a embarcação ao contrário, as riquezas desapareceram, os homens afogaram-se, mas eu sobrevivi. Sobrevivi e até estou bem da vida, porque no dia seguinte, dei à costa com o tesouro a meu lado! Ouro, esmeraldas, prata, moedas, vinho, pérolas, tudo numa arca tão pequena. Enfim, foi o maior terror da minha vida, mas também a minha maior sorte!

Até à vista,
Um amigo.

(15 anos)

A família da Perna-Coxa

Numa noite, a família da Perna Coxa tinha-se reunido para jantar. Eram 9 horas da noite.

A mãe, Rosalinda, trazia o jantar. Os gêmeos, os talheres e os pratos. E o pai os copos. Para colocarem na mesa, na sala de jantar.

Iam comer bacalhau com batatas cozidas, mas antes uma sopa de legumes.

- Uhh!- diziam os gêmeos quando sabiam da entrada, pois eles odiavam e quando era de legumes ainda pior.

- Esta sopa, faz-vos crescer, ficarem mais fortes e saudáveis- dizia a mãe.

Os gêmeos arranjavam sempre maneira de não comerem a sopa, ou davam ao rato, que um dia ficou tão cheio, tão cheio de sopa, que os gêmeos nem podiam entrar no seu próprio quarto, era cá um cheirete, mas depois o rato Jeremias lá adormeceu; também costumavam antes de jantar, fazer um buraco no chão que ia dar ao esgoto e deitavam por aí, nem davam valor ao dinheiro que se gastava em comida.

Mas desta vez, eles fizeram uma coisa diferente: inventaram uma constipação, que parecia mesmo real, senão, não comiam, ah! E com casaco. Mas afinal eles tinham era posto um tubo que ia dar da boca, tapado com o cachecol, e seguia até a uma embalagem, escondida dentro do casaco. Ou seja, eles comiam, mas não comiam, fingiam que comiam, em vez de porem na boca, ia para o tubo. Quando acabaram de comer, foram à casa de banho, o que não era habitual, iam despejar a sopa para a sanita, mas, foram descobertos, porque depois de eles irem para a casa de banho, estavam a conversar, a mãe e o pai, que a sanita estava estragada, o que se metia na sanita, saía pelo fogão, é complicado mas é verdade. E foram apanhados.

Quando voltaram à mesa, o pai e a mãe estavam a apanhar a sopa, coitados.

E foi assim, ficaram de castigo e o rato ficou-se a rir, e a comer, e a ver filmes, tudo como se fosse da realeza.

As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras

Era uma vez um grupo de cinco crianças: a Margarida, o Miguel, a Mafalda e o Manuel e por fim, a Mimi acompanhada pela sua avó Prudência, mas que na verdade todas as crianças lhe tratavam por avó. Era uma grande investigadora, a avó Prudência.

Um dia, foram as cinco crianças passear no jardim, um jardim que havia perto da casa da avó, enquanto a avó fazia uma bela tarte de maçã.

Quando iam a andar, encontraram uma gruta muito cintilante, parecia que tinha ouro e diamantes.

Rapidamente, alertaram a avó Prudência, que teve de interromper a sua receita, mas não houve problema.

Entraram lá dentro da gruta, juntamente com a avó e o que lá foram descobrir!

Uns pequenos gnomos na sua “aldeia”, quer dizer, dentro da gruta, das suas casas faziam lembrar uma pequena aldeia.

Depois, acharam aquilo extraordinário e fantástico, mas era verdade e, falaram com eles até ao anoitecer.

Ah! E a sua luz cintilante (da gruta) era na verdade o “sol” daquela aldeia dos gnomos, pois a gruta era escura, muito escura.

(Sem data)

Quando eu tinha cinco anos...

O sol batia nas cabeças desprotegidas das pessoas sentadas na esplanada. Umas bebendo o seu café e contando as novidades ou cusquices às amigas; outras apreciando aquele dia bonito de céu azul e sol brilhante e, ainda, outras simplesmente sentadas a passar o tempo. Estava eu, ainda pequena, a brincar na relva ali perto, vigiada pela minha tia e pela minha avó.

A única coisa de que me lembro foi de correr, arrepiada e em pânico, para a mesa onde estavam as minhas guardiãs.

Tinha pisado um formigueiro e as pequenas marchantes tinham-me escalado as pernas. Ainda hoje me arrepio quando me lembro.

Rapidamente me ajudaram a livrar das incómodas criaturinhas que, naquele dia de sol, eram como cavalos de corrida.

O que é certo é que as formigas ainda me afectam e, claro, a relva já não se pisa!

(16 anos)

Sentidos

Sentidos: uma palavra tão pequena e simples mas tão ambígua e profunda no seu conteúdo.

Mesmo antes de conhecer o mundo, o ser humano é capaz de sentir tudo o que se passa dentro da cúpula que é o ventre materno. Sente e aprende. Sente e absorve e o sentido torna-se parte dele e da sua essência.

Ao longo da sua vida, esse sentir torna-se uma rede complexa formada a partir dos inúmeros estímulos que continua a receber e, a absorver do meio. E é assim até à última Hora.

Esses estímulos, serão peças e mecanismos que construirão a máquina que é o Homem. E quantos mais mecanismos possuímos, mais fácil é a nossa deslocação no meio que nos rodeia.

Desde que abrimos os olhos à primeira claridade da manhã, o processo começa. Saindo à rua, atinge-se o auge e adormecendo, esse processo diminui mas não desaparece.

E é ao recebermos esses estímulos que nos tornamos mais ricos e conhecedores do que nos rodeia. Por exemplo, sabemos que o alfinete pica, que o sol queima e que o mau cheiro nos repulsa.

Mas uma medalha tem sempre dois lados e não poderia deixar de ser assim com os estímulos. Quando em demasia, causam-nos um distúrbio: a poluição, como uma enorme fila de carros a buzinar sem cessar. Existe também um outro lado que é o mais enganador: nem sempre os estímulos que recebemos são verdadeiros, como a Lua que tem luz própria.

Mas o que poderíamos fazer sem eles? Nada.

(18 anos)

Um conto

Tudo se passou numa noite de lua cheia, fria e só.

Iam os pescadores então, à pesca, um trabalho árduo e difícil mas que era o seu ganha pão. José Sousa era pescador até àquela noite.

O mar estava calmo e já bastante peixe tinham apanhado, por isso iam regressar. A lua cheia e brilhante, recaía sobre as suas cabeças. José, era da casa dos cinquenta, estatura média, cabelo grisalho e pele morena e salgada, tinha um pressentimento, mas era como os que já tinha tido há várias semanas.

Era um sentimento estranho que sentia, quase como um “aperto” no coração. Toda a tripulação estava feliz pois, depois de mais um dia de trabalho, iam chegar a casa e José não queria “estragar” aquela felicidade.

Deviam ser umas três, quatro da manhã quando se começam a ouvir umas vozes. Umas vozes suaves e misteriosas. Nesta altura, os pescadores pensavam estar a sonhar, mas não, não era um sonho.

José Sousa debruça-se sobre o barco depois de acordar. Desequilibra-se e cai. O resto continuava a dormir.

No dia seguinte, chegaram à costa e José não estava lá. O seu corpo foi encontrado dias depois, mas o mais estranho é que o cadáver estava coberto de brilhantes, como se fossem feitos de água.

(08 Maio de 2012; 15 anos)

A Lenda dos Monges do Sado

Tinha anoitecido. O tempo estava calmo e o céu limpo. Não se ouviam as aves noturnas como os mochos, nem os uivos dos lobos ao luar. A lua cheia e brilhante, reflectia-se nas águas do rio Sado, tal como as árvores da Serra. Então, foi quando tudo começou.

Reza a lenda que naquela noite, os monges do Convento da Serra da Arrábida, tinham ido fazer uma caminhada ao luar em honra de Deus e da Natureza.

Eram cerca de vinte, todos em fila, transportando símbolos religiosos como cruzes, terços, santos, a Bíblia e também velas que iluminavam o caminho.

Assim lá foram os monges pela Serra, andando com cuidado, e, pararam num local onde conseguiram ver o mar.

Estavam todos lado a lado a observarem o lindo, maravilhoso, brilhante e delicioso rio Sado. Fecharam os olhos e rezaram.

Entretanto, de entre as águas, uma luz branca meio azulada e meio esverdeada, sobressaía. Quando viram aquela estranha luz, assustaram-se. Crentes em Deus não acreditaram no que viram. Então, reforçaram as rezas e a sua fé.

Os que levavam as velas deixaram-nas cair com o susto, quase queimando as suas vestes. Assim, a maioria voltou para o Convento, rezando a noite inteira. Mas ficaram seis e foram averiguar. Num barco a remos, foram até ao local sem medo.

Foram remando, remando e pararam no meio do rio. A lua parecia estar cada vez mais próxima. Estava escuro e tinham apenas uma luz.

Começaram a ouvir umas vozes muito belas e suaves, como uma melodia e adormeceram. A noite foi passando, os lobos começaram a uivar no cimo da Serra e os mochos, assustadores, colocaram-se nas árvores.

Nos dias seguintes àquela noite, o resto da população do Convento procurou os monges.

Até hoje, não se sabe ao certo o que aconteceu. Uns, dizem que caíram nas cantigas das sereias, outros dizem que foram atraídos pelas profundezas e para lá levados.

Enfim, o mistério permanece vivo sobre o desaparecimento dos poucos monges que tiveram a coragem de averiguar uma coisa estranha e bizarra no Rio Sado, naquela noite de lua cheia.

(Para o concurso da Visão Júnior; 14 anos)

A História do Hotel Lendário

Há muitos, muitos anos, estava de férias, uma senhora muito bonita, simpática e chique, chamada Alegria.

Tinha ficado num hotel.

Andou três horas de elevador sozinha, para chegar à sua suíte no milésimo primeiro andar. Durante essas três, cantava, lia, olhava-se ao seu espelhinho que guardava sempre na sua chique e linda bolsinha de seda, até que se começou a faltar de estar ali fechada, sozinha, sem ninguém, estava no nonogésimo nono andar, ainda nem tinha chegado aos 100! Bom ela lá continuou e continuou., nonogésimo nono, centésimo,...

De repente, sentiu o elevador a tremer, as luzes apagaram-se e Alegria começou a sentir o seu cabelo a ser mexido, a ver uns olhos fluorescentes que metia medo, depois gritou e adormeceu aos braços da criatura de olhos fluorescentes.

A sua amiga, Sharpay, telefonou-lhe e ninguém atendia. Ficou bastante preocupada, porque a sua amiga atendia sempre, mal suava o toque! Então, pensou que tivesse sido levada pelo Fantasma das Trevas, pois havia uma lenda desse fantasma que dizia: "quem ficasse sozinho num elevador e se as luzes se apagassem, ele raptava essas pessoas e nunca mais eram vistas!"

Sharpay, que andava sempre com o seu lindo e chiquérrimo portátil, único em todo o mundo, pesquisou sobre o Fantasma das Trevas e quantos resultados apareceram! Uns biliões! Inúmeros avisos a dizer: "Não fique sozinho nos elevadores!" ou "Tenha cuidado".

A amiga de Alegria, abriu uma das muitas, muitas, muitas, muitas páginas de pesquisa e nessa página dizia que o Fantasma das Trevas, escondia-se numa gruta. Foi até lá, capturou o Fantasma para dentro de um frasco, salvou a amiga e fez notícia sobre "A captura do Fantasma das Trevas". Viveram felizes e construíram este lindo hotel.

(29 Dezembro de 2008; 11 anos)

Um sonho moralizador

Numa noite chuvosa e com muito vento, uma família de uma aldeia ia servindo a ceia de Natal que consistia em ovos crus, batatas cozidas inteiras e brócolos.

A família estava muito animada, mas triste por ver que o seu cão, Valente, estava magro e esfomeado.

Entretanto, chega um lobo do tamanho de um cão médio e por isso, a família não teve medo. Tinha a cabeça para o lado e um frasco que trazia na boca que tinha lá dentro uma mensagem que a senhora mais idosa da família leu: “As aparências iludem”, mas não ligaram nenhuma. Ficaram com mais pena do lobo do que o seu cão, Valente, por causa da sua aparência tristonha. E o lobo desapareceu.

Passado um pouco as pessoas da família ouviram o seu cão a ganir e desataram a correr para o monte de palha e viram então, o Valente a ser mordido e morto pelo lobo e o lobo a roubar-lhes a comida.

Aquela família nunca mais passou a ser a mesma, pela morte do seu cão e o roubo da comida. Toda a família ficou a perceber que as aparências iludem e que a aparência não significa o que as pessoas são ou mesmo os animais e também entenderam a razão de o lobo levar aquela mensagem dentro de um frasco na boca.

(05 Agosto de 2008; 11 anos)

O Verdadeiro Espírito de Natal

Era noite de Natal, e a família do Menino Rico tinha começado a abrir os presentes.

A árvore de Natal era enorme e estava cheia de cores. Tinha bolas prateadas, laços vermelhos, sinos verdes e no topo, a maior das atenções: a grande estrela dourada.

A casa estava enfeitada de acordo com a ocasião. Tinha luzes de várias cores, tal como a árvore, tinha uma grande lareira e decorações de Natal, desde um presépio de madeira com plantas reais, a um boneco de neve com um cachecol azul, colocado à porta de casa do lado da rua, claro.

Na sala, que era onde estava a grande e majestosa árvore, havia uma fita pendurada na parede que dizia Feliz Natal.

Em casa do Menino Rico, toda a sua família se reunia à volta da árvore, a abrir os presentes. Todos os seus familiares abriam os embrulhos de Natal, de acordo com o nome que lá estava escrito, ou seja, se o nome fosse o deles, abriam.

Era uma família que não se manifestava através do afecto e do carinho, mas sim através da sua frieza. Por isso, ninguém agradecia nada a ninguém, ninguém queria saber quem lhes tinha oferecido o quê, e ninguém dava valor ao que recebia. Apenas se limitavam a rasgar o papel de embrulho e a passar o tempo, recebendo prendas.

Assim, o tempo foi passando e o relógio tocou as doze badaladas. Como os presentes já tinham sido abertos e o serão já tinha acabado todos os familiares do Menino Rico e dos seus pais foram para as suas casas.

O Menino Rico foi dormir, pois já eram horas e, teve o sonho mais estranho até ao dia. Tinha acordado dentro de uma tenda, com candeeiros ainda a petróleo e voluntários da ajuda humanitária. Sim, o Menino Rico tinha acordado num país pobre, África.

Ao princípio ficou muito assustado e não reagiu. Claro que ele ainda pensava e sabia que era dia de Natal, mas naquele sítio, não havia nenhuma árvore de Natal tão grande e brilhante como a dele, não havia nenhuma fita a desejar um Feliz Natal, não havia nenhum presépio e muito menos, presentes.

Rapidamente se apercebeu de onde estava e continuou a viver aquele momento, tirando uma lição que lhe serviu para a vida.

Apesar de a família dele (sendo ele outro menino), ser pobre e não ter presentes nem decorações que fizessem lembrar o Natal, estava feliz e os olhares de cada brilhavam. Ali, os presentes eram insignificantes e o carinho, substituíam-os.

A felicidade e o amor pelos outros eram puros, vinham de dentro e não de bens materiais. Nesta altura, o Menino Rico acorda e levanta-se, vai até à janela, olha para o céu e pensa no seu sonho. Agora, parecia mais leve e feliz.

No dia seguinte, decidiu juntar todas as coisas de que não precisava, incluindo brinquedos, roupa e sapatos e, decidiu dar a quem mais precisasse.

No final, aprendeu uma grande lição:

A felicidade, a alegria e o bem-estar, todas as coisas boas, não vêm de objectos, de bens materiais, pois podemos ser felizes com pouco e o que interessa é sentirmo-nos bem com nós próprios.

A felicidade não vem embrulhada.

(14 anos)

O Mundo da Imaginação

Era uma vez, uma menina chamada Margarida e tinha 8 anos.

Tinha cabelos ruivos, uma linda cara com sardas, uns olhos verdes como a relva e a sua pele era branca, muito branca, como a neve. No cabelo, usava uma flor que arrancava do seu pequeno jardim, era um malmequer.

Margarida vivia numa casa pequena de cinco divisões com uma senhora que a tinha acolhido porque os pais da menina, tinham morrido e não tinha mais família que conhecesse.

A senhora que ficou com Margarida, chamava-se Rosa, era velhinha, muito velhinha e parecia mesmo da família da menina, pois, também tinha cabelos ruivos, sardas e a pele branca. Rosa, ensinou a Margarida algumas coisas sobre a religião cristã e assim fazia com que a menina frequentasse a catequese e fosse à missa.

A Margarida andava no terceiro ano. Tinha boas notas, era pontual, participativa, atenta e sabia sempre responder ao que a professora perguntava, mas Margarida andava triste, as outras crianças não queriam ser amigas dela. Até que, um dia, quando acabaram as aulas, a menina foi para casa sozinha porque a casa era já ali ao pé. Foi até ao pequeno jardim e sentou-se no meio das ervas até à hora de almoço, pois as suas aulas eram todas de manhã e por isso tinha a tarde livre. Quando estava sentada no meio das ervas, ouviu um suspiro que a deixou intrigada.

Depois, Rosa chamou a menina para almoçar e, durante o almoço, Margarida contou o que lhe tinha acontecido e a senhora respondeu:

- Minha menina, para esclareceres essa curiosidade estranhíssima, vais fazer os trabalhos de casa e vamos ver as duas o que te deixou assim ansiosa.
- Está bem, avó.
- Gosto muito de ti, minha filha.
- Eu também avó.

E assim foi, Margarida fez os trabalhos de casa e quando os acabou, disse à sua “avó”, tratava assim a senhora e lá foram. Margarida, disse a Rosa para também se sentar no meio das ervas e, começaram então, a ouvir misteriosos suspiros.

Começaram a seguir os misteriosos suspiros pois agora estavam as duas muito, mas muito curiosas.

Quando deixaram de ouvir aquilo, estavam perante duas flores, uma Rosa e uma Margarida e olhavam uma para a outra, porque os seus nomes eram idênticos aos nomes daquelas flores e acharam imensa graça.

De repente, sem estarem à espera, as flores abriram-se como um relâmpago e da Rosa saiu um gnomo que deu um salto enorme até ao ombro de Rosa e da Margarida saiu outro gnomo, mas desta vez, desceu pelo caule e foi até às mãos de Margarida.

A seguir, disseram os gnomos em coro para as duas:

- Gnomomagia!

E, depois de dizerem aquilo, apareceu uma árvore enorme com um pequeno buraco marcado na relva ao pé da mesma. Era uma árvore mágica.

Num abrir e fechar de olhos, apareceram os quatro num sítio esquisito e estavam do tamanho dos gnomos, era dentro do tronco da Árvore Árvore, a árvore que os gnomos tinham colocado

no pequeno jardim e, era, onde viviam os gnomos. Depois, os gnomos começaram as apresentações:

- Olá, antes de mais nada, queríamos pedir-vos muita desculpa, trouxemos-vos ao tronco da árvore mágica, Árvore Árvore e agora vamos até ao Mundo da Imaginação, onde as duas, outra vez, ficarão pequenas. Eu sou o Salto e este meu amigo é o Caule.

- Olá, estão desculpados. Eu sou a Margarida e esta senhora é a minha avó Rosa. - Então, já que nos conhecemos, vamos até ao Mundo da Imaginação. Gnomomagia!

Noutro abrir e fechar de olhos, estavam no Mundo da Imaginação e Margarida e Rosa, olhavam contentíssimas para aquele Mundo. Margarida, depois de olhar a seu redor, veio à ideia ser feiticeira sem saber porquê e num segundo estava vestida de feiticeira e exclamou preocupada para os gnomos:

- Ai! O que é que eu fiz? Ai!

Entretanto, os gnomos explicaram que no Mundo da Imaginação, havia muitos poderes e, que ela, só tinha descoberto o Poder do Pensamento.

No Mundo da Imaginação havia também muitos animais e os gnomos queriam indo apresentando-os, mas não havia muitas oportunidades porque ainda estavam a conhecer o Mundo.

- Quando nos quiserem chamar é só irem ao buraco junto da árvore.

- Está bem – respondeu Rosa maravilhada.

Rosa e Margarida estavam muito impressionadas por aquilo ter acontecido na vida de ambas. A seguir voltaram para casa e Rosa viu as horas. Ainda eram três horas da tarde e o mais engraçado é que tinham ficado no Mundo da Imaginação muito tempo e saíram às três horas da tarde de casa e voltaram a essas mesmas horas, pois, no Mundo da Imaginação, não havia tempo e foi isso que os gnomos lhes explicaram.

Depois daquela impressionante explicação, Margarida exclamou:

- Boa! Então, posso ficar o tempo que eu quiser no Mundo da Imaginação! - Pois é – disse Rosa.

- Então, Caule e Salto, vocês vieram das flores, porque é que não vieram da terra, como é que nasceram e quantos anos têm? - Perguntou Margarida muito interrogativa.

- Primeiro – disse Caule – viemos das flores porque a Rainha dos Gnomos nos mandou para uma missão, é como se fosse uma casa.

- E que missão?

- Bom, nós não queríamos falar nisso, mas é que em breve irá acontecer algo muito grave que não sabemos, só a Rainha dos Gnomos.

- Segundo – disse Salto – nós, nascemos da Imaginação, como as fadas, por exemplo, a Rainha dos Gnomos, a nossa Rainha do Mundo da Imaginação, inventou-nos.

- Por fim – disseram em coro – nós temos milhares de anos, por isso, somos infinitos.

Depois desta conversa, Margarida ficou preocupada por em breve acontecer alguma coisa grave e decidiu pedir aos gnomos para falar com a Rainha, mas eles não deixaram, porque só podiam falar com a Rainha os gnomos e mais ninguém, e só excepcionalmente.

Às cinco horas, Margarida foi lanchar. Rosa tinha feito quatro sandes de queijo e fiambre acompanhadas de sumo de laranja.

Ao lanche, conversaram sobre o Mundo da Imaginação e ficaram a saber que, a Rainha vivia num sítio que ninguém sabia, nem os gnomos e para os gnomos falarem com a Rainha,

levavam uma fita preta nos olhos para não saberem o caminho, e os únicos que sabiam o caminho muito esperado, pois ainda ninguém tinha conseguido lá chegar, eram os Guardiões do Castelo da Rainha.

Depois do lanche, Margarida ficou entusiasmadíssima com o que os gnomos contavam, o Castelo, a Rainha, sítios secretos, enfim... E, então, decidiu ir ao Mundo da Imaginação sem ninguém saber e lá foi. Foi até ao pé da árvore, meteu-se em cima do círculo que lá estava, o círculo mágico, deu um salto e estava no Mundo da Imaginação.

Andou, andou, andou e encontrou a aranha que lhe perguntou admirada:

- Então o que fazes aqui sozinha?! E os teus amigos gnomos? Como vieste cá ter? O que se passa?

A aranha perguntou tanta coisa que a menina nem conseguia responder. -Eu veio aqui sem ninguém saber nem os amigos gnomos.

- O Caule e o Salto?

- Sim, eles mesmos, mas como sabes?

- Olha, eu vou-te contar um segredo: os teus amigos, os meus também, o Caule e o Salto, têm umas antenas escondidas debaixo do capuz às bolinhas.

- Oh, mas isso é normal os gnomos terem antenas escondidas para não ficarem feios. - Não, não estás a perceber, é que as antenas podem indicar onde estão as pessoas! - Ai, ai de mim!

- Não te preocupes, vem para a minha gruta, lá, não dá para se ser localizado. - Está bem, obrigada.

Margarida para não ser descoberta pelos gnomos seus amigos, foi até à gruta, e o pior é que não sabia que estava a ser enganada.

Caule e Salto, não se tinham apercebido que Margarida se tinha ido embora, até, que Rosa chama Margarida e ela não responde.

- Margarida, Margarida! - Gritava Rosa desesperada, mas ninguém respondia.

Caule e Salto disseram a Rosa que a podiam localizar porque tinham antenas mágicas e tentaram, mas não havia sinal e, então deduziram que estava na gruta da Aranha, pois aí é que não havia sinal.

- Senhora Rosa, já sabemos onde é que ela está e por isso vamos ao Mundo da Imaginação e se quiser pode vir connosco. E Rosa foi.

Enquanto os gnomos iam procurá-la, Margarida estava dentro da gruta e agora, estava enrolada nas teias.

A seguir, a Aranha disse-lhe a verdade, que a queria comer, mas Margarida insistia que não lhe fizesse mal.

Entretanto, enquanto conversavam, chegaram os gnomos e Rosa de surpresa e disseram à pobre menina que não tivesse medo, porque a Aranha além de não ter poderes, também não era invencível. Os gnomos usaram a sua magia para adormecer a Aranha, pois assim, dava a oportunidade de libertar Margarida.

Fizeram tudo muito bem feito e como estavam no Mundo da Imaginação, deu-lhes a oportunidade de dar a conhecer os outros animais, mas antes das apresentações, Rosa e os gnomos avisaram Margarida para não fazer mais nenhuma coisa desta.

Primeiro conheceram a caturra, que era muito barulhenta, mas muito simpática: a seguir a formiga, que era muito trabalhadora, trabalhava todo o Verão para ter comida no Inverno, o seu formigueiro era um burquinho muito pequeno que só cabia uma formiga mas por baixo da

terra, era enorme; depois conheceram a abelha que fazia muito mel e por fim a cobra, uma grande cobra, mais ou menos com cerca de quinze metros e não era má como as outras cobras, era boazinha, simpática e muito honesta.

Rosa estava já cansada do dia atribulado que teve e decidiu voltar para casa. Despediram-se de todos os animais e tiveram pena de não puderem conhecer o resto da vida animal, mas mesmo assim não ficaram insatisfeitas.

Quando voltaram para casa, sabendo que ainda eram cinco da tarde, Rosa tinha imenso que fazer em casa. Limpou os dois quartos, o dela e o da Margarida, a sala, a casa de banho, e por fim a cozinha. Quando acabou as limpezas, já eram sete horas e foi fazer o jantar enquanto Margarida e os gnomos brincavam com muita alegria no meio das ervas do pequeno jardim.

Rosa não se estava a sentir bem e não quis dizer nada à menina nem aos gnomos para não os preocupar. Sem dar por isso, Rosa desmaiou, pois já com oitenta e sete anos já não se tinha muita força para aguentar estas aventuras, mas Rosa tendo aquela idade, era uma senhora cheia de saúde e com um espírito jovem.

Margarida e os gnomos estavam a ficar preocupados por Rosa não lhes chamar para o jantar e decidiram ir lá ver.

Rosa estava desmaiada, mas quando os três chegaram, já era tarde de mais, não respirava, estava morta.

Margarida desatou a chorar e enquanto chorava, cantava uma música, que a sua mãe lhe cantava quando era viva:

- “ Se não adormeces, não chores, levam-me contigo”

Os gnomos muito tristes resolveram fazer uma magia para levantar o corpo da senhora para a cama. A seguir fizeram outra magia para Rosa voltar a viver.

Rosa voltou a respirar.

Rosa, quando estava morta, conseguiu, por magia, ouvir a música que Margarida cantava.

Viram que tinham muito em comum e pensaram fazer exames para ver se eram parentes e a verdade é que Rosa era avó de Margarida.

No final, Margarida ficou a saber a missão da Rainha.

(27 de Junho de 2008; 12 anos)

Viagem Insólita

Vasco da Gama estava em alto mar, já perto do Cabo das Tormentas, quando decidiu registrar as suas coordenadas geográficas. Tirou a sua dourada bússola de um dos seus bolsos do seu enorme casaco, colocou-a na palma da sua mão esquerda e procurou o Norte. Surpreendentemente, a bússola estava desorientada, dava voltas, voltas e voltas e não apontava o Norte. Para não perder mais tempo, Vasco da Gama olhou então para as estrelas- uma maneira primitiva dos povos se situarem no espaço mas, não reconhecia nenhuma constelação. Impressionante!- repetia Vasco da Gama vezes sem conta, pois naquela situação, como se iria localizar e, registrar as suas coordenadas?

A tripulação da nau não respondia ao pioneiro das Descobertas marítimas, quando este lhes perguntava o que havia de fazer. Estavam hipnotizados! Tinha sido Baco a hipnotizar os marinheiros, a desmagnetizar a bússola e até, a baralhar as estrelas! Gritando e rindo, Baco dirigiu-se a Vasco da Gama e avisou-o que só o ia deixar em paz quando este regressasse a casa e terminasse ali a sua viagem. Esperando um milagre, Vasco da Gama pediu a Deus que o ajudasse. Baco, continuava numa enorme gritaria e risada, mas nem isso impediu o Mestre de se concentrar e rezar.

Melhoras no tempo- anteriormente o céu estava escuro e cheio de nuvens, obra de Baco e preces ouvidas, apareceram passado um pouco as Ninfas que com o seu suavíssimo canto, atraíram Baco até às profundezas e obrigaram-no a desfazer todas as partidas que tinha feito a Vasco da Gama. Indiferente à presença das Ninfas, o marinheiro continuou viagem e, já sem obstáculos, regista as suas coordenadas e agradece a Deus.

Navegava, navegava e navegava agora livre de perigos. Sem se aperceber de tão confiante que estava, passa o Cabo das Tormentas sem complicações. O que era muito estranho, pois dizia-se que lá, havia um Gigante que engolia as naus que por ali passavam.

Lancem a âncora! Mandou o Capitão. Tinham avistado terra e por isso, decidiram atracar. Toda a tripulação se sentia feliz. Imediatamente aproximaram-se, desembarcaram e começaram a explorar o novo território. E que surpresa! O local “desconhecido” era Belém.

Tinham voltado a Lisboa? A verdade é que a “terra incógnita” não passava de uma miragem e aquele “momento de descoberta” não tinha sido real. Tudo tinha sido, apenas um sonho de Vasco de Gama com um final um pouco estranho. O pior, ainda estava para vir com uma enorme tempestade e claro, a futura descoberta seria verdadeira...

(Sem data)

A Menina Extraterreste- Versão 1

Uma vez, numa aldeia chamada Àstrim, numa noite de lua cheia, de repente, apareceu uma luz enorme que encadeou toda a aldeia.

Um dos moradores de uma casa, abriu a janela de uma divisão e gritou: - Mas o que vem a ser isto? Já não se pode dormir em paz?

- Não faça pergunntas e veja!- respondeu uma senhora para o morador.

Depois o silêncio tornou-se numa grande gritaria que ninguém estava a prestar atenção ao que estava a conter. A luz intensa que deslumbrou toda a aldeia, desapareceu. Tdos os habitantes saíram das suas casas, e estava ali, perante os oolhos de todos, uma seimples menina caída do céu.

A seguir, apareceu uma mulher mais ou menos com 36 anos que disse a todos:

- Silêncio! Silêncio! Eu estou aqui para levar esta menina comigo e não me podem impedir, pois sou cientista e quero estudá-la!

- Não, não, não e não, essa é que era boa! Chega aqui, diz que quer levar esta menina e não se passa nada! - disse aquele morador que refilou quando viu a luz, o senhor Joaquim.

Mas com tanta discussão, a menina caida do céu, desapareceu.

- Onde foi ela?- perguntou a cientista.

- Hahahahah!- começou-se a rir o Joaquim.

- De que se está a rir?- perguntou ela.

- De nada, não ligue, esqueça. Hahahaha!

O Joaquim, para gozar ainda mais com ela, a cientista de nome Cecília, começou a dizer ao ouvido de uma pessoa já de idade, que a menina estava no céu, na direção da cabeça dela a fazer caretas e assim a mensagem foi andando. Até que Cecília apanhou a menina com a mão e disse:

- Agora vens comigo!

A menina disse uma coisa esquisitissima que ninguém percebeu, excepto o senhor Joaquim que traduziu o que a menina disse:

- Eu sou extraterreste e ninguém me pode levar, só uma nave que virá brevemente.

E assim foi, passados três anos, voltou a tal nave de que falara, pois tinha deixado-a na Terra.

Em sinal de agradecimento deu a todos os habitantes uma pena branca.

E assim ficou: "A Menina Extraterreste".

A Menina Extraterreste- Versão 2

Uma vez, numa aldeia chamada Àstrin, numa noite de lua cheia, de repente, apareceu uma luz enorme que encadeou toda a aldeia.

Um dos moradores de uma casa, abriu a janela do seu quarto e gritou: - Mas o que vem a ser isto?

- Não faça pergunntas e veja!- gritou uma moradora para o senhor.

Depois o silêncio tornou-se numa grande gritaria que ninguém estava a prestar atenção ao que estava a acontecer. A luz intensa que deslumbrou toda a aldeia, tinha desaparecido. Todos os habitantes saíram das suas casas e estava ali, diante dos olhos de todos, uma simples menina caída do céu.

A seguir apareceu uma senhora adulta que disse a todos:

- Silêncio! Silêncio! Eu estou aqui para levar esta menina comigo! Sou cientista e quero estudá-la!

- Não, não! Essa menina é nossa! Você não pode chegar aqui e dizer que vai levar esta menina - disse um morador.

Com tanta discussão, a menina caída do céu, desapareceu.

- Onde é que ela foi? – perguntou a cientista.

- Não sei, mas...Hahaha! – disse uma pessoa.

- De que se está a rir?

- De você, senhora cientista, do que haveria de ser? Haha!

O homem para gozar ainda mais com ela, começou a dizer ao ouvido de uma senhora já de idade:

- Já viu?

- Já vi o quê?

- Ali no ar, na direção da cabeça da cientista!

- Hahaha!

- Passe a mensagem- disse o homem.

E assim foi, todos se começaram a rir porque a menina, estava no ar a fazer caretas para a senhora cientista.

A senhora tão enervada, estendeu o braço para cima, apanhou a menina e disse: - Agora vens comigo!

- Eu sou extratereeste e não me podem levar! – disse a menina na sua língua, mas ninguém entendeu até que uma pessoa disse:

- Eu sei falar extraterreste.

- Não diga disparates! – disse a cientista e mais umas pessoas.

- Querem ver? – perguntou o senhor. A menina repetia o que ele dizia, respondia, conversava e ele traduziu:

- Ela está a dizer que é extraterreste e que ninguém pode levá-la, só uma nave, que virá brevemente.

A menina abanou a cabeça a dizer que sim e sorriu.

Passados três anos, voltou a tal nave de que falara para vir buscá-la, pois tinha deixado a menina no planeta Terra. Ela, deu a todos os habitantes da aldeia, uma pena branca, como

agradecimento, que significava a sua terra e também para que todos se lembrassem dela. Depois da grande partida, as pessoas choraram, até a cientista. Assim ficou: “A Menina Extraterrestre”.

Nós

Durante muito tempo se pensou que o ser humano era resultado de um código determinante inscrito nas milhões de células microscópicas dos organismos, mas os tempos mudaram, assim como as mentalidades e teorias.

O cérebro, presente nas espécies animais, possui funções especializadas que são exclusivas do Homem. No que lhe diz respeito, apesar de pertencermos todos (sem excepção) ao “prédio” da espécie humana, não vivemos todos no mesmo apartamento. Cada um de nós nasce com um cérebro que se tornará com o tempo, individualizado e por isso, diferente de todos os outros. Isto significa que cada pessoa será a arquitectura da sua “cidade mental” e desenhará o seu mapa, tal como a impressão digital. Assim, o processo de individualização cerebral é essencial na construção do Homem enquanto indivíduo.

Somos seres biológicos inseridos numa sociedade e numa cultura e essas componentes não são independentes, muito pelo contrário, interrelacionam-se. A conhecida frase “Não nascemos humanos, tornamo-nos humanos”, pode aqui ser verificada.

O Homem é como um pedaço de barro à espera de ser moldado ou um “kit” a ser montado. No meio intra-uterino começam as primeiras interações do indivíduo ainda embrião, com o meio. Mais tarde, este será ensinado pela sociedade e marcado pela cultura em que está inserido. E assim tornar-se-á um ser bio-socio-cultural até ao final da vida, estatuto ganho graças à lentificação do desenvolvimento cerebral.

Sabe-se hoje que o cérebro e o próprio corpo humano precisa de cerca de duas décadas para completar o seu desenvolvimento, e que as fases da infância e adolescência, serão períodos muito prolongados para lhe proporcionar esse tempo necessário. Essa “lentidão” é no entanto, benéfica, porque possibilita a adaptação do cérebro a um certo contexto e o seu crescimento daí resultante. Esta é uma das características da neotenia (manutenção de características e traços juvenis até muito tarde).

Uma outra característica que faz do ser humano um indivíduo, é o facto de nascer inacabado e prematuro. Esta imaturidade ou prematuridade biológica, ajudará a sua construção. Nascendo apenas com 25% do seu desenvolvimento, os restantes 75% serão produto da sua capacidade de adaptação e interação com o meio. Este inacabamento é algo que constitui uma grande vantagem, senão a maior, a capacidade de aprendizagem.

Por oposta comparação com outras espécies animais, o Homem possui um programa genético aberto, permitindo a sua modificação ao interagir com factores externos, isto é, com o meio, sendo que não é o que temos inscrito nos genes que nos torna humanos, mas sim o que no meio fazemos com o que nos foi transmitido hereditariamente. Esta abertura genética é apenas possível devido à imaturidade biológica do ser humano.

Poderíamos nascer com garras para caçar ou barbatanas para nadar, mas estaríamos limitados devido a essa grande especialização, visto que noutro contexto que não o destinado,

não conseguiríamos escrever nem andar, por exemplo. Estamos “abertos” ao mundo e aprendemos. Somos flexíveis e versáteis, ao contrário de determinados a ser de uma certa forma fixa e imutável, caso em que perderíamos a nossa capacidade de adaptação e aprendizagem.

Diz-se que “o Homem é um animal de hábitos” e diz-se bem, porque se quisermos ser de certa maneira, podemos tornar-nos como tal, não existindo barreiras ao conhecimento, à mudança e à adaptação. Para isto, contribui um outro factor, a auto-organização cerebral: este órgão modifica-se a si próprio consoante o modo de resposta a estímulos do meio. Fortalece as ligações mais fortes, as mais usadas e requisitadas, cortando e destruindo as não necessárias. Deste modo, proporciona um grande nível de eficácia e especialização ao indivíduo relativamente a certa atividade, por exemplo, e reduz o desperdício de neurónios que trabalhariam sem propósito, tendo por isso uma grande autonomia.

Revela também, a sua plasticidade, sendo um “mapa cerebral” continuamente alterado dependendo das experiências vividas pelo indivíduo. Este é um aspecto que favorece bastante a possibilidade de aprendizagem do ser humano. De notar é também o facto de o ser humano se poder programar e/ou desprogramar. Por exemplo, uma pessoa que seja dependente de drogas ou álcool pode aprender a deixar esse mau vício, tendo ajuda preferencialmente, por se tratar de um processo difícil.

Adjacente a todos estes conceitos, está a teoria epigenética igualmente chamada de teoria construtiva, que diz: nós construímo-nos a nós próprios, sendo a interação com o meio uma ação sobre os próprios genes. Somos influenciados pelo meio e não estamos por isso destinados a cumprir apenas os nossos genes.

Não há então um cérebro igual ao outro, nem mesmo em gémeos homozigóticos, já que desde o nosso nascimento à nossa morte física, estamos a criar uma história influenciada por inúmeros estímulos. A nossa própria história. Somos uma caderneta de cromos que só fica completa quando morremos, até lá vamos preenchendo-a com as nossas vivências e experiências pessoais que apenas a Vida nos pode proporcionar. E o melhor, é que não há outra igual.

Um Mistério por desvendar- o mistério das Profundezas

Num dia de Inverno, era a noite de lua cheia, muitos homens viviam na Aldeia da Maré, eram pescadores.

Trabalhavam dia e noite, para conseguirem dinheiro para sustentar a família, pois eram pobres.

As suas casas eram de cor branca, tinham apenas uma janela pequena com vista para o mar. Aquelas pessoas só comiam peixe, batatas e salada.

De manhã, o mar subia até às rochas e batia, batia, batia e voltava a bater, fazia de "despertador dos pescadores".

Enquanto os pescadores pescavam, as mulheres encarregavam-se de cuidar da casa, cuidar das crianças, de fazer a comida e de lavar a roupa.

Chegou certo dia em que o mar ficou cheio, cheio de pescadores, era sinal de peixe. Todos os pescadores da aldeia, foram ao mar para pescar. Como era tanto peixe, cada pescador levava mais ou menos 20 sacos de peixe.

Os pescadores estavam tão entusiasmados que nem deram pelas horas, já era meia noite e as mulheres não paravam de gritar desesperadas pelos seus maridos.

As gaivotas andaam em terra e como diz o ditado: "Gaivotas em terra é sinal de tempestade no mar".

E assim aconteceu, as gaivotas em terra, as mulheres desesperadas e os pescadores em perigo.

Foram passando horas e horas e alguns pescadores iam conseguindo voltar para casa, menos dez pescadores que tinham diso levados pela tempestade e viam-se aflitos.

Já passava das três da manhã e não havia sinal deles, as crianças choravam e as mulheres tinham esperança que os pescadores voltassem.

Os pescadores enquanto tentavam voltar, ouviam umas vozes muito suaves, tão suaves que eles adormeciam no barco. Adormeceram todos menos um, esse que "sobreviveu ao sono", conseguiu voltar e deu a notícia a todos os habitantes da aldeia, as mulheres que esperavam pelos seus maridos, não conseguiram dormir a pensar neles.

Os outros nove pescadores iam acordando lentamente, mas quando acordavam ouviam outra vez aquela voz suave e voltavam a adormecer, mas o problema é que agora o mar estava mais forte e os barcos estavam a ir ao fundo e os pescadores afogavam-se e morriam.

Morreram oito pescadores dos nove e sobreviveu um que dizia:

- Isto só pode ser obra das sereias, mas eu não acredito em sereias, não, não são sereias, aí onde está a minha cabeça? Não tenho ninguém para me ajudar, tenho de pensar nalguma coisa para me salvar! Pensa, pensa! Se forem sereias eu mato-as, ah, mas é só uma lenda, se forem elas...

O pescador Manuel fartava-se de repetir e repetir o que dizia, afinal, estava em apuros e dos grandes, até que sentiu alguém a puxar-lhe o remo para baixo e ainda ficou mais aflito do que estava, ele, não sabia o que fazer, pensava que ia morrer, mas enganava-se.

- Vem comigo...- disse uma voz muito suave como as vozes suaves que tinha ouvido. - Não, não, não, estou a enlouquecer- dizia o pescador desesperado.

Mas alguma coisa lhe puxou para baixo, tapou-lhe a boca, o nariz e os olhos e levou-o a uns cem metros de profundidade.

Era um ser esquisitíssimo, era verde, tinha uns olhos mais esquisitos que uma mosca, tinha escamas, um colar com uma concha gigante que lhe tapava o peito, tinha um cabelo que pareciam algas, um lenço que tapava um bocadinho do rosto e as pernas eram uma parte do corpo do peixe, enfim... Devia ser a coisa mais esquisita que o pescador alguma vez viu.

Ele ia descendo com a criatura marinha até que chegou a um sítio que podia respirar, eram os aposentos das sereias.

Algumas das sereias tocavam arpa e muitos outros instrumentos desconhecidos pelos humanos. Também cantavam.

O pescador depois de ver aquele sítio maravilhoso, desmaiou e as sereias foram todas para o pé dele, despiram-no, puseram as mãos de todas em cima do peito do pescador Manuel no sítio onde fica o coração e disseram: Tuti!

Era a palavra mágica que as sereias usavam para transformar humanos em sereias ou então criaturas marinhas. Faziam essas transformações para virar as pessoas contra o Bem; para ficarem a favor do Mal e protegerem a Rainha das Criaturas Marinhas e das Sereias.

Depois daquela “transformação marinha”, o pescador acordou verde, com olhos mais esquisitos que uma mosca, as pernas eram parte do corpo do peixe, tinha escamas e o cabelo pareciam algas, era tal e qual as sereias mas no masculino, mas houve uma coisa que não mudou, a voz.

A sorte do pescador foi essa, porque se as sereias tivessem ouvido ele a falar normalmente sem gritar nem sussurrar como fez no barco antes de ir ao fundo, elas também mudavam a voz, porque assim se o pescador falasse com um colega, o colega conhecia-lhe a voz e salvava-o, o que é o contrário que as sereias querem que é o Mal, e assim elas não sabem qual é a voz dele e o pescador Manuel pode falar com os colegas e falar com as sereias e com as criaturas marinhas em linguagem gestual.

- Agora vamos levá-lo à Rainha para ele ser ao serviço do Mal- disseram as sereias Hahahah!

A seguir levaram-no à Rainha para o pescador, agora, uma criatura marinha, ser ao serviço do Mal.

- Muito bem- disse a Rainha- podem ir.

- A seu favor Majestade- disseram as sereias.

- O que quer de mim criatura horrorosa?- perguntou o pescador.

- Quero a tua alma- disse a Rainha.

- Não, não, não!

- Sim, sim, sim!

Entretanto o pescador lembrava-se da família, da sua mulher, dos seus amigos, de toda a gente da aldeia, e lembrou-se de tanta coisa boa que se encheu de amor, carinho e bondade que ficou iluminado por todos os lados e como é lógico venceu a Maldade.

A Rainha das Criaturas Marinhas e das Sereias deixou de existir.

Manuel sentou-se na Cadeira do Poder da Ex-Rainha das Criaturas Marinhas e das Sereias, e foi aclamado Rei.

Todas as criaturas foram chamadas imediatamente à sala da Ex-Rainha para verem quem era o novo Rei.

- Adorem o Rei! Adorem o Rei! – diziam as criaturas.

- Ouçam, eu não sou quem vocês pensam, eu sou humano, as pessoas que vocês transformam e levam à Maldade, cada um de vocês tem de certeza uma família.

- Eu tenho uma família...E..e...

-Diz- disse Manuel.

- E eu gosto muito dela, a minha irmã, os meus pais,..- dizia uma das criaturas e depois de dizer aquilo, transformou-se em humana.

- É isso mesmo, pensem todos vocês na vossa família e amigos- disse Manuel feliz por ajudar as outras pessoas.

E foi assim, todos pensaram na família e nos amigos e com o Poder do Amor, do Carinho e da Bondade, ficaram todos como eram antes, da forma humana.

- Obrigado Manuel por me ajudares- dizia cada criatura, agora humana. - De nada, eu também fui enganado. Agora é a minha vez – disse Manuel. - Não, não é- disse Rosa, uma das criaturas Guardiã.

- Porquê?

- Porque, porque..porque quem é Rei ou Rainha nunca pode ficar humano, porque tem de tomar conta do Reino do Mar da Aldeia da Maré – explicaram.

Manuel ficou preocupado, mas pensou e disse:

- Já sei o que fazer, mas vou precisar da vossa ajuda.

- O quê?

- Eu vou levar-vos à superfície e vocês têm de dizer à minha mulher Margarida que venha à margem.

- Está bem.

-Obrigado.

Manuel levou-os todos à superfície, dando-lhes máscaras e coletes para não se afogarem.

Quando chegaram à margem, as pessoas que eram criaturas marinhas mas ficaram humanas devido ao Amor, Carinho e Bondade, devolveram a Manuel os coletes e as máscaras, foram chamar a mulher de Manuel e encontraram-se com a família.

-Manuel?- perguntou Margarida.

- Sim, minha flor, estou aqui, sou eu.

- És tu?

- Sou, sou eu, vem comigo e eu explico-te, confia em mim.

- Está bem.

Manuel tapou-lhe a boca, o nariz e os olhos, e levou-a a cem metros de profundidade, como fizeram as sereias.

- Margarida, aqui é onde vivem as sereias e as criaturas marinhas.

-É mesmo verdade Manuel?

- É, Margarida e eu agora sou o Rei.

- Mas o que é que te aconteceu?

- Eu conto-te. Na noite de lua cheia em que havia tempestade éramos dez pescadores. O Rui, sobreviveu.

- Pois, ele foi avisar-nos. Continua.

- Depois, ficámos nove e oito morreram.

- E tu sobreviveste?

-Sim, sobrevivi, mas antes de os outros morrerem ouvimos vozes suaves, muito suaves que nos levaram a adormecer e eles afogaram-se porque não acordaram e os barcos estavam a ir ao fundo como o meu até que alguma coisa me puxou para baixo e trouxe-me até aqui, era uma sereia, o que eu já calculava mas depois haviam mais e eu desmaiei e elas despiram-me, e disseram uma palavra mágica que me fez ficar assim; elas queriam que eu fosse a favor do Mal para eu também fazer isto aos outros, mas eu, vencí o mal por causa do amor, do carinho e da bondade, venci a Rainha e ela deixou de existir porque era contra o bem e depois como a venci fui aclamado Rei e as criaturas marinhas e as sereias explicaram-me que os Reis e as Rainhas não podem ficar humanos porque têm de tomar conta deste Reino; as outras sereias e as outras criaturas marinhas eram humanos e eu salvei-os.

- Fizeste isso?

- Sim, fiz. E eu queria que tu fosses a minha sereia.

-A tua sereia? Isso quer dizer que vamos viver aqui?!

- Sim, mas não gostas?

- Se gosto! Adoro!

Manuel transformou Margarida segundo o que as sereias lhe tinham feito. Margarida transformou-se numa sereia lindíssima. Os dois beijaram-se e abraçaram-se. Tinham ficado os dois lindíssimos.

A magia do amor de ambos, fez com que ficassem todos mais felizes, bons de saúde, bonitos e a venda do peixe aumentou por isso ganhavam mais dinheiro, as sereias e as criaturas marinhas ajudavam os pescadores.

Com o dinheiro ganho pelo peixe, pintaram as casas da aldeia, plantaram árvores, construíram alguns hotéis e mudaram o nome da aldeia para “Aldeia das Profundezas” e também o nome do Reino das Criaturas Marinhas e das Sereias para Reino das Profundezas.

Passaram anos e anos, cada vez a vida na aldeia corria melhor para todos; os hotéis estavam sempre esgotados e por isso construíram mais, estava tudo às mil maravilhas.

Chegou uma manhã em que o mar não subia, o sol não se abria, ninguém respondia. Foram longos dias assim. Até que se ouviram uns gritos.

Eram os turistas dos hotéis que insistiam que havia alguma coisa debaixo de água, já desconfiavam do Reino das Profundezas. Iam jornalistas de toda a parte do Mundo; os habitantes da aldeia tentavam avisar Manuel e Margarida, mas não conseguiam.

Então eles foram até à margem para verem como estavam as pessoas, a pesca e a aldeia. Os turistas viram-nos e começaram a tirar fotografias, mas não sabiam que isso podia matar.

- Não! Parem! Parem! – dizia Manuel com os olhos fechados por causa das fotografias. -Parem! Socorro!- gritava Margarida também com os olhos fechados.

- Mas porquê?- interrogavam os turistas.

- Porque pode matar!- explicavam os dois.

-Desculpem, desculpem, desculpem e desculpem- repetiam os turistas vezes sem conta em coro, muito, mas muito tristes e arrependidos.

- Não faz mal, agora que perceberam, já não voltam a repetir não é?

- Sim e para compensar-vos damos-vos fotografias de toda a aldeia, de outras partes do Mundo, de vocês, dentro de uma bolsa anti-água e também vamos colocar uma placa aqui ao pé da margem a dizer: “Não tirar fotografias das criaturas marinhas. Obrigado”.

- E nós damo-vos uma máquina fotográfica especial para nos poderem tirar fotografias ofereceu Margarida.

- Obrigado- agradeceram os turistas.

Manuel e Margarida foram até ao Reino das Profundezas, cumprimentaram os guardiões e foram até ao quarto para colocarem as fotografias dadas pelos turistas na parede.

Margarida foi até ao pátio para cuidar das suas plantas. Ia regando, falando, até que lhe começou a cheirar mal. Era preto, líquido, era o petróleo.

Os guardiões tinham morrido, as plantas e os animais, tinha tudo morrido.

Avistavam-se golfinhos que andavam à procura de um mar onde pudessem viver, mas tiveram azar porque foram para o Mar das Profundezas na altura do petróleo.

Os pescadores já não pescavam, pois já não havia peixe.

Com a situação do petróleo, a aldeia, viu que aquilo não podia continuar assim.

As medidas tomadas pela aldeia foram: prender todas as pessoas que despejassem petróleo ao mar e essas mesmas pessoas iam recolhendo o petróleo.

E assim foi, as pessoas que faziam aquilo, recolhiam todo o petróleo e depois eram presas..

A limpeza do mar deixou a aldeia mais descansada. Tudo se estava a compor outra vez, a aldeia limpa, o Mar também limpo, a pesca aumentou, os hóteis estavam sempre esgotados.

Manuel e Margarida tiveram muitos filhos e não se soube quando morreram. Diz a lenda que os espíritos de ambos, ajudavam os pescadores a pescar e que afastavam as criaturas do Mal..

Toda a aldeia viveu em paz, no amor, na bondade, na felicidade, em tudo de bom. Afinal, até foi bom ser uma criatura do mar.

Acasos

Às vezes penso nas pessoas. Naquelas por que passei, naquelas que nunca virei. Acho estranho.

Como será conhecer toda a gente e poder dizer que se conhece todo o mundo? Literalmente. Talvez fosse chato. A imaginação para 'o que poderia ser' estaria limitada pelo já visto e determinado. Não haveria o 'e se'. Não haveria pelo que esperar.

Penso também se elas pensam nisso. Ou se vivem com as mentes tão ocupadas quanto um copo cheio que transborda ao mais leve balanço. Acredito que sim.

Todos os dias passo por dezenas, não, centenas de novas caras desconhecidas que de vez em quando vejo em sonhos. Sinistro.

Mas e se essas flagrantes pessoas a que chamamos de 'outras' forem afinal todas as outras possibilidades do que no 'agora' somos? Tal significaria que falaríamos connosco próprios, que nos aturávamos a nós próprios, que seríamos os nossos próprios amantes e até os nossos mais cruéis inimigos? Talvez... O mais provável seria quem sabe, entrarmos num estado de loucura tão profunda que o dito mundo acabaria. Credo!

Gosto de observar as pessoas e o modo como se expressam. Como falam, como se deslocam, como quando te olham te penetram a alma, ou até como alimentam os pombos. Intriga. Gosto também de observar o modo como são belas e não sabem. Como quando desprevenidas, se iluminam ao mais pequeno gesto que fazem. É bonito.

Há pessoas por quem gostava de um dia passar. De sentir o rasto dos seus perfumes deixados pela correria do andar. De ouvir as suas gargalhadas por coisas sem sentido ou de conseguir ler o seu pensamento mais escondido. De as observar. Talvez também essa ansiedade do querer me desaponte. Quem sabe...

Então deixo ao Acaso decidir. Será ele quem colocará as pessoas na minha vida e eu nas suas. Aquelas que distantes me cruzarei, e as que por aqui perto não reconhecerei. E assim saberei que tudo o que vem, um dia terá de ir também.

Sem Título.

A verdade é que não éramos inocentes. Naquela noite de meio luar, nossos corpos haviam tecido a trama que a nossa mente se havia esforçado para evitar.

Aquele tique-taque estrondoso do relógio que tanto te irritava tinha parado. Assim como as buzinas histéricas que lá fora gritavam por movimento. E as vizinhas, que nada discretas e frenéticas se punham à janela, estavam hoje resguardadas num inabalável transe do cheiro de nossas velas.

Os últimos raios quentes de sol, atravessavam os vidros e iluminavam teu rosto num particular tom de laranja que não poderia ser descrito senão pela visão. Foi então que nossas mãos se apertaram enquanto lado a lado apreciávamos aquele pôr-do-sol no colchão velho que recusavas trocar. Essa foi uma das coisas que sempre em ti admirei, a despreocupação com a vida, uma viagem sem volta, apenas uma ida.

Posso sentir tua respiração embalada em meu ombro. Tão leve quanto uma folha que se desprende do ramo e segue o vento no seu novo rumo. Teu toque lembra-me a chuva que resfria uma carne que se sente em chamas e teu cheiro é mais forte que o dos malmequeres que enfeitam nossa mesa de jantar.

Talvez nos chamem de loucos ou mundanos sem razão. Irracionais... A verdade é que não éramos inocentes. Foi naquele final de tarde que dois corpos entrelaçados se fundiram e mergulharam ao mais fundo oceano da emoção. Foi ali que me embriaguei da tua alma e provei o teu mais ríspido e sincero tu. Foi ali que crua e simplesmente, te doei meu coração.

(20 de Abril de 2018)

À vontade.

As janelas não tinham cortinas.

Naquele parapeito, três filas empanturradas de livros (já lidos e muito relidos, suponho, pelo tom amarelado das folhas - ou apenas velhos do Tempo) se alinhavam numa geometria estética.

Em cima, um daqueles manequins de madeira que articuladamente nos ensinam as proporções humanas, se dispunha virado para o candeeiro adjacente às molduras.

De fora, conseguia ver as suas paredes brancas com pinturas marítimas lá penduradas. Suponho que seja pintor. Ou alguém ligado às Artes. Quiçá, estude Humanidades.

As janelas espreitavam para a plataforma que se enchia de gente às horas de ponta. Ou quem sabe, eram os passageiros, os curiosos, os que numa viagem pelos pensamentos se entretinham a magicar novelas do que além delas se passaria, talvez vivas num outro universo paralelo. Eu.

Mas como raio alguém se conseguia concentrar assistindo aos atropelos nervosos e ouvindo aquele turbilhão de motores e vapores que saiam pela gigantesca máquina que revolucionara todo o percurso de uma História?!

Quem sabe, fosse tal proximidade necessária à inspiração do artista que inquieto se movia naquele apartamento de prédio redondo.

O mais provável é nunca chegar a saber...então deixo aqui neste papel a fortuita visão que hoje me faz escrever.

Mas sabes, aquela alma andava seminua pelo seu espaço. Por vezes captada por olhares imprudentes. Alguns a isso chamam de promiscuidade, mas que outro nome pode ter a livre expressão do ser senão que a Liberdade.

(25 Abril 2018)

Memórias de uma velha

Sinto que timidamente, retorno à escrita como se de ao longe acenasse a uma afastada amiga de infância. As condições são perfeitas: me sinto inspirada e me encontro só.

Ontem celebrei mais um ano e me emocionei. Confesso que não planejei chegar onde estou, ser como sou ou de ter deixado levar a vida o que me levou... memórias.

Me lembro daquele dia que, enquanto fazia de seu peito almofada, me falou que não existiam almas gêmeas. Que elas se encontram espalhadas em milhares de corpos que por aí vagueiam e que por sua vez, continuam nessa incessante e romântica procura sem enxergarem que se encontram todos os dias.

Acreditei. E me lembro também que reprimi o choro e de seguida, beijei seus lábios ferventes ao sabor do chocolate quente que tínhamos tomado lá fora durante mais uma das diárias partidas de xadrez.

As pessoas: era esse o nosso tópico de conversa favorito. Afinal, estudar o comportamento humano é deveras interessante, assim como o seu corpo, que a maioria infelizmente considera promíscuo. E por isso despendíamos horas entre museus e galerias, a apreciar cada traço e curva que os artistas haviam esculpido ou pregado na parede. Transcendíamos a matéria e as pessoas não o entendiam.

Incrível como após todos estes anos ainda sofro de insônias. Ele adormece primeiro e então, lhe ajeito os cabelos que caem sobre seu rosto que viaja noutra dimensão. A sua pele insanamente se mantém morena e os seus olhos cinzentos claros continuam a petrificar quem os fite. Mas eu, estou velha. O peito outrora firme, se tornou mole. O cabelo castanho loiro à luz do sol, desvaneceu. E a face antes lisa, ganhou expressão através dos milhares de lágrimas e risos.

Apago a luz, aconchego-me e agradeço. Escrevo este texto mal engomado só para mim. Para lhe dizer que de entre todos, é apenas para ele que a minha alma sorri.

(28 de Julho de 2018)

Mais uma Ceia

Era mais um ano, e mais uma ceia de Natal. Acreditem, ouvir que o Sr. Matias da ourivesaria usava de facto um capachinho (muitas vezes impossível de desnotar a sua forçada assimetria), ou que a vizinha tinha queimado o almoço de domingo causando um enorme impacto olfactivo nos tecidos estendidos há mais de dois dias devido ao Inverno chuvoso, constituía a mais hilariante e aconchegante playlist do ano.

Todos os anos, as famílias aqui do bairro se juntam e fazem uma espécie de arraial natalino. Nada melhor para se saber todas as coscuvilhices de um ano inteiro num só dia, não é assim? Bem, a verdade é que este ano o espírito do dia mais especial de entre os 366 (este ano foi bissexto), não me tinha pegado.

E foi nesse preciso momento que inesperadamente (ênfase cliché) tudo mudou. De entre toda aquela mixórdia, fez-se silêncio. Os cabelos escuros eram lisos mas de jeito ondulado. O casaco, era de um fato castanho escuro já velho que protegia uma camiseta formal branca desmazeladamente não cintada e fora das calças. Essas, eram largas e verticalmente riscadas num tom igual de castanho. De sapatos, calçava uns chinelos trançados. Primeira impressão? Um hippie formal.

Tive então que me aproximar e fingir que tinha sede e, um pouco de fome. Levantei-me impulsivamente com curiosidade, e fui até à mesa dos comes e bebes. Acalmem-se, cerca de uns três metros antes abrandei o passo e fiz-me de de despercebida. Afinal quem nunca. Os braços seguravam algo. E como a figura enigmática se dispunha em frente da mesa, aproximei-me e perguntei "algo que se coma?". Sem resposta. Cheguei mais perto, lado a lado, e fixei o bolo rei que deliciava qualquer um. "Hm". Acho que a precipitação se tinha agora evaporado. Sem qualquer nexo, peguei num copo de gelatina já preparado e pelo canto do olho, olhei discretamente para a minha direita. Thoreau era o autor dum livro de capa dura suportado por apenas uma mão.

A outra, encontrava-se agora no bolso esquerdo e toda aquela pose fazia transparecer uma personalidade um quanto relaxada. No ar, pairava um sentimento de irreabilidade. Como era possível não ter reparado uma única vez num ser assim tão intrigante em todos aqueles Natais em que o bairro se juntava em uníssonos? Dizem que as pessoas entram e saem das nossas vidas com o propósito de nos ensinar algo novo, ou sarcasticamente nos oferecerem uma lição. Quiçá tivesse chegado a minha hora. E esta foi a ocasião.

Murmurei esse tal autor desconhecido da minha biblioteca imaginária, sem querer, e estremei quando uma voz funda e ao mesmo tempo doce, reagiu: "Conhece?"

Adrenalinicamente retorqui. "Clássico".

Um meio sorriso se fez notar e como se o tempo se imortalizasse num segundo, aqueles olhos castanhos tom de avelã foram até hoje, a coisa mais bonita que alguma vez vi na minha vida. Agora entendo o porquê deste dia tão especial, afinal, não há nada que se compare à magia do Natal.

Micro Narrativa

"A visão está turva e pergunto-me se realmente acordei. Os lençóis estão abertos do outro lado da cama. Ele já saiu e eu quero ficar deitada neste clima de frio. Tenho torradas a tostar, plantas a regar e até um muco na boca a cuspir. Mas hoje é sábado e não me apetece levantar."

Micro narrativa inserida no Volume I da Colectânea de Micro Narrativas Ficcionalis, Janeiro 2019, da Chiado Books.

Poemas em Português

O que eu gostaria de ver da janela do meu quarto

Gostaria de ver
Da janela
Uma gaivota amarela

Gostaria de ver
Da janela
O mar azul brilhante
E uma fada cintilante

Gostaria de ver
Da janela
Uma estrela cadente
E um peixe sorridente

Gostaria de ver
Da janela
Uma sereia a nadar
E uma bruxa a voar

No final
Gostaria de ver
Da janela
Um mundo cheio de alegria
Ou seja, a fantasia.

A Minha Moldura

Eu tinha uma moldura que
Era uma doçura
Ela era minha amiga
E muito divertida
Então disse ao João
E tu meu amigo
Engraçado ou divertido
Entra na minha frase
Encosta a minha moldura
E dá-lhe uma gordura
Então agora já está mais
Engraçada

A Folha Sonhadora

A folha sonhava um dia
Ter uma grande alegria
Pois tinha uma tristeza
Que arruinava a sua beleza

Gostava de andar no lago
A nadar, a rodopiar
Escorregava a andar
Não parava de falar

A Folha tinha muitos amigos
Principalmente os meninos
Varriam o jardim com uma vassoura
Que parecia uma cenoura

A folha era branca
E fofinha como uma manta
Parecia uma pena de uma ave
E voava como uma nave

Era calma e bem arranjada
Estava sempre entusiasmada
A folha era mais bela
Que uma Cinderela

Brincar

Brincar é saltar, correr e voar.
É rir e chorar, morrer e viver.
É ver o mundo de uma forma mais simples.
É imaginar como seria a nossa vida no mundo da fantasia.
É ir à descoberta sem pressa ou valor,
O maior problema é o frio e o calor.
Mas a verdade não será revelada
nem que haja uma nevada.
Porque brincar é imaginar!

13- Pontas Soltas

A disponibilidade era só nas horas vagas.
Conquistou-me pela confiança e conversas largas.
Ai Destino! Mete nisto um fim.
As ilusões que me ofereces são já demais para mim.
Às vezes gostava de ser menos do que sou.
De me sentir alvo do nada, que tudo acabou.
Sem embargo, não lamento o erro porque sempre aprendi.
Hoje só confio em quem sabe meu aniversário.
Sabe esse distinguir um amigo dum adversário.
Aprende assim esta lição para que não caias em outra tentação,
Já que o entusiasmo foi idiota em não querer ver.
Porque atrás do silêncio de um homem,
Está sempre uma mulher.

Pra Você

Te encaro. Hoje e para sempre.
Passou a época da chuva, e meu coração permite finalmente à calma,
repousar nesta máquina que em tempos se apressava.
Te vejo como um sol que irradia perfurantes raios e me fazem mover.
Motores que me instigam a sobreviver. A gostar de viver.
Foste navio que por mar navegou em altas marés, encalhou em baixios
e em rochas ancorou. És rocha.
A semente, se havia plantado numa terra que se queria ociosa. Débil a raiz,
se tornou árvore de onde agora, admiro a rara flor. Tu.
Palavras se vêem escassas num papel sedento de emoção.
É por vezes difícil a minha expressão. Confesso...
Maior que um tal maior sentimento, és extensão de um universo onde me abrigo.
Minha casa. Meu lar.
Minha alma tem aura de teus conhecimentos. Os vividos e os sofridos.
E orgânico, é o irrefutável amor que por ti sinto.
Um verde campo, um infinito. Muito agradeço por Te me terem dado.
Porque se razão há para saber para onde vou,
É por causa de ti, meu querido Avô.

Para todos os Avôs e Avós. Para ti, Avô. Para ti, Mãe.
Poema incluído na Antologia de Poesia Contemporânea, [Entre o Sono e o Sonho - Vol. XIV](#)", Outubro 2022

13 – Olha não sei. Sei lá

Hoje o sonho foi estranho.
Sonhei que nadava num mar que não me deixava boiar.
Afundava. Mas continuava a tentar! Que louco.
Então fiquei aqui a matutar, num mundo sem gravidade
Será que ainda caímos na obscura profundidade? ...

Chora, ri, grita, revolta-te.
Mas não te atrases.
O tempo é escasso e a vida não te retorna.
Um dia serás cinza numa terra de vento.
E vento te tornarás, levado por uma corrente de suspiro.
Inala a ansiedade que te consome e escreve.
Escreve amores e aventuras. Tragédias e bravuras. Imortaliza-te.
Nada e aflora. Agora! Porque não pode haver mais demora.

Integrante do livro 'Entre o Sono e o Sonho' – Antologia de Poesia. 21 Outubro 2018.

07-07-2018

13 – Rael, Rutel, Rute e Rafael

Eram jovens. Parvos, alegres, uns românticos reles.
Ao acaso se conheceram por quem não eram,
E unidos, de dois em um se fizeram.
Mostraram que o amor verdadeiro, sim existe.
E à longa distância da ansiedade resiste.
De cabelos longos, ela sempre nos aconselha e ajuda.
E de língua de fora, ele nos faz rir e atura.
Eles são a pura lócuuuura.
Uma amizade que do superficial perfura.
Obrigada mãe e pai,
Do nosso coração o dia 13 jamais sai.
Estamos todos à espera de vos ver no altar!
Muitos beijinhos e abraços, vocês são top demais até irritar.
ps: xiu

13- Ele e ela, Ela e ele

Eram os tons verdes e azul, amarelos e bagunçados
Que coloriam aquela realidade distante. Calma e pacífica
No meio do cimento, uma beleza que a cada dia se fortifica.
Era ele e ela ou ela e ele
Brasas que de amor se penetravam na pele.
Por terra andavam e por mar navegavam. Juntos e inseparáveis
Duas mentes em corpos unicamente de seus futuros responsáveis.
Transcendiam a paixão e eram no seu cerne, dois em um. Amigos.
Eram rocha e raiz. Vento e luz. Um do outro, totalmente exclusivos
A ele, lhe chamavam de charmoso malandro
E a ela de apenas pureza
Ele era o veraz Alessandro,
E ela, a simples Andreza.

Uma rele crónica

Vejo corpos flácidos,
E corpos de um Inverno trabalhados.
Um casal de namorados que se abraça na água.
Um corpo que ao sol adormece e queima a mágoa. As crianças procuram aventura e da vista de seus progenitores se afastam.
Sacudiram toalhas e meus olhos de areia se recolheram.
Decidi escrever.
Está sol, vento e cheiro a maresia.
Outro adequado local à escrita, porém, não haveria. Do outro lado avisto o palácio.
Abrigou Jacqueline Kennedy e hoje um tanto de graffiti e curiosos o invadem.
Está em degrado.
Mas não posso reclamar, já o invadi e saboreei a exclusiva vista para o mar.
Atrás está minha avó, sentada numa daquelas típicas cadeiras de praia enquanto faz palavras cruzadas. Já eu e minha mãe, nos encontramos do sol, mais que torradas.
Nota-se que os tempos são outros.
Telemóveis ocupam as mãos outrora ansiosas pela próxima cartada.
Mas as pessoas são as mesmas.
Estão um pouco melhores, verdade.
Mas incutida está ainda a portuguesa vaidade.
Privados e luxuosos barcos navegam no rio,
Estamos perto de uma marina
Construída depois que o capitalismo, a Natureza invadiu.
Ainda não fui à água. Nenhuma de nós, aliás. O vento não pára e de tal, ainda não fomos capaz. Talvez apenas fiquemos a apreciar o momento.
Acho que neste mundo, é esse o melhor conteúdo.
Por isso observo e continuo a observar.
Tenho o lápis na mão que do papel não se faz desapegar.
Gosto de pássaros e de os alimentar.
Ontem parti uns bocados perdidos de pão que uma senhora não fez questão de esmigalhar.
Que agonia de ver os pombos os desesperadamente picar!
O vento levanta os chapéus de sol.
Tenho medo que algum me acerte e por isso mantenho-me alerta.
Já ouvi espanhol, inglês e francês.
Imigrantes que a casa hoje regressam, é bom.
Incredulamente, nota-se que é nas crianças de hoje em dia que as nossas esperanças precisamos depositar.
Pelo segundo dia de praia vejo uma criatura plástico apanhar. De perto de seus pertences recolhe para o depois reciclar. E os adultos incentivam! Acho que às vezes, apenas temos que acreditar.
Não vi golfinhos, nosso símbolo municipal...

Limito-me ao meu redor absorver.
Vejo grávidas, idosos e infelizmente pais com seus filhos gritar...
Oh meu deus, um jet-ski acabou de passar!
Uma das minhas perdições, som e movimento de mil e uma sensações.
A habilitação um dia irei de tirar!
Afinal que melhor rima com mar senão por aí navegar?
A um metro de frente, está um casal meio velho.
Não conversam mas de igual modo observam.
Estão em perfeita sintonia e as típicas conversas foram substituídas por uma mútua e muda energia.
Quero isso.
Quero filhos, quero casar, quero escrever e a Deus por cada dia agradecer.
Quero também e agora, parar de escrever...
Irei na areia meu corpo continuar a repousar.
Os sentidos contudo, continuam apurados.
E se alguém este texto ler,
Por favor, lembrem-se de viver!

25-08-2018

<>

É Satanás
Aquele que de lavar
Roupas com cheiro a praia e mar
É Capaz.

30-08-2018

Versos Soltos

- Amor, vem dormir. Você passou o dia a ler jornais...
- Flor, veja se entende: Cansei dessas suas conversas banais.

Roubaram-lhe a inocência. Quando se mostrou nua. Mas nunca a sua essência,
Protegida por uma mente crua.

"Já era amor antes de ser" E assim se iludiu, logo ao amanhecer.
Tinha inveja de quem não devia. Tentava ser quem não seria.
Ele, nunca lhe amou.
E ela, por se matar acabou.

Você me disse que eu seria ninguém.
Então agora lhe pergunto, porque está ainda batendo à porta, meu bem?

Ficou de noite acordada. Demais tinha sido humilhada. Falsamente elogiada. Caro leitor, só
havia então uma opção nessa longa madrugada: o engolir e ficar bem chapada.

- Outra vez tarde...
(notou ela)
- Trabalho, querida.
(enquanto recordava a sua amante despida)
Estão juntos? Felicidades! Uau, ninguém diria.
(e em estilhaços se desmoronava, enquanto sorria)
Um chat cheio de mentiras. E um pó pra acalmar as iras.
Bebia solidão. Vomitava depressão.
Seus corpos não se tocavam há dias. Ele, via pornografias. Ela, procurava rufias. Clichês são verdade.

Vitor

Vagueava sem alento pela beira do mar e
Inspirava sonhos cativados pelo verde olhar,
Trouxe-me raízes e paz sem julgar, então
Oferecer-lhe-ei a escassa flor índigo, pois
Raro é o outrota desconhecido, que hoje é um velho amigo.
Inês Reis
Dedicado ao meu amigo Vitor, parabéns!
(1 Setembro 2018)

Body is a temple

Se teu corpo é um templo,
Por que o entregas a prazeres fatais?
Por que o mostras a quem não dá valor?
Porque acreditas nesses sentimentos irracionais
E por ti, não tens amor.
Se em tua mente confias,
Por que sempre caís nas mesmas histórias?
Por que com os erros não queres aprender?
Porque corres atrás dessas esperançosas glórias
E a dura verdade, te recusas a ver.

Se sabes o que precisas fazer,
Por que recuas?
Por que ainda sofres em vão?
Porque tenho saudades tuas,
E teu toque ainda faz bater meu coração.

IR

18/03/2019

À janela

É já ao início do dia rotineiro,
Me sentar à cabeceira e acender o candeeiro,
É depois do crepúsculo que minha mente vagueia por aí,
Ato meu cabelo, passo água no rosto e vou à janela,
Sinto um frio desconfortável mas me aqueço a pensar em ti.
Me inspiro e quero. Mas não consigo escrever.
Sabes do que me lembrei?
Daquela vez que saímos do restaurante a correr...
Eu tinha estreado meu vestido florido
E tu, desajeitado, de uma piada boba tinhas rido.
Emoldurei teu sorriso junto a um pote de jasmim,
E minha pele se arrepiava quando o perfume se entranha em mim.
Hoje quebro o ritual, apago a luz e penso em nós
Pedindo que minhas palavras, tenham a tua voz.

IR 03/04/2019

7 gotas de perfume

São 7 gotas de perfume
Que lanço em meu corpo todo o dia
São 7 gotas de perfume
Que para me seduzir, apenas você, de outra forma conseguiria
A primeira, coloco no pescoço
Porque lançamos numa moeda, nossa sorte a um poço
A segunda, coloco na perna
Para lembrar nossas aventuras naquela escura caverna
Depois, perfume meu cabelo
E em silêncio, ainda ecoa na mente o som daquele violoncelo
De seguida, lanço uma gota da fragrância pelo ar
Para que caia sobre mim, enquanto a atravesso a dançar
Afasto as pulseiras e deito outra sobre o pulso
Porque tudo o que fizemos, foi por mero impulso
Antes de acabar, uma recai sobre os lábios
Para que fiquem umedecidos e de teu amor, sábios
Por fim, a última,
Que me perfuma neste cheiro de maracujá
E se impregna em mim como uma lágrima,
Recai descendo pelo meu peito
Para que todo o dia agradeça a lemanjá
Pela benção de Seres tão perfeito.

10/04/2019

100Centido

1) Não se sabia muito sobre.

Que vivia na cidade, apreciava a calmaria,

Tinha curiosidade e saía de vez em quando.

Tinham-lhe admiração. Invejavam aquela rotina de mesmices, e ao mesmo tempo, criticavam a sua continuação. Era estranho.

As mulheres fixavam aqueles olhos e com eles sonhavam. Sinistro, por vezes. Mas era complicado ser quem era. Não o entendia e muitas vezes se interrogaria. A jornada se fazia longa e em momentos, agreste. Era sinal de novos aprendizados e amadurecimento. Conhecimento.

Ao se olhar no espelho, se sentia menos do que era. O romanticismo tomava conta. Era como se vivesse num passado que o presente apagara. Agora, esperava apenas pelo futuro. Compreensão. Renovação.

Mas ainda não o entendia. Por que não poderia ser então igual? Mais um outro caso tão, mas tão diariamente banal? Regularmente, é difícil para o próprio enxergar. Poderá pensar que se torna superficial e assim, corrupto.

O erro se encontra precisamente aí. A simplicidade é transformada em um complexo mecanismo. E então se torna contraditório de acreditar, que ele era deveras, unicamente especial.

16 Outubro 2018

2) A idade de hoje se contava pelo número de rugas no pescoço como os antepassados haviam outrora contado os anéis do tronco das árvores. Ter-nos-íamos então tornado tão do contato humano fastigados? Os históricos o confirmariam. Eram largamente despendidas mais horas com dois polegares oleosos (das batatas que se comiam entre espaços) a bater ansiosamente num ecrã que brilhantemente ofuscava nossa íris que contar sobre o último romance à avó. Futilidade crónica, o vírus mais temido desde o nascer dos séculos. Agora vivido, a cada segundo. Teve salvação? Perguntou a minha pequena de olhos esbugalhados, enquanto fortemente cambaleava em minha perna direita. Não sei, respondi. Ter-me-ia afastado dessa praga imunda de seres pixelados muito antes que tal se pudesse sequer aproximar de meus pensamentos mais obscuros. Haveria então me tornado má ou exageradamente, antisocial? Não, reforcei. Hoje te posso contar essa história exatamente por isso: por ter quebrado esse espelho que nos vai molemente cegando. Ou apenas para soar mais intelectual, por ter reaprendido a viver.

16 Outubro 2018

3) Morrerei em poucos dias.

Passou rápido, esta vida de desencontros, de vazios e correrias. Mas enfim... Já chorei por me ter calado quando devia falar, por não me ter declarado a quem queria amar, ou até por não desafiar quem desejava esbofetear. 'É a vida', eles dizem, 'fica para a próxima'. (Não haverá próxima).

De certa forma, sempre o soube. Como se dentro de uma bolha me tivessem colocado e do "mundo" não fizesse parte. Apenas alguém que de longe observava e que de vez em quando, podia pisar no palco da ação. Estaria dormente? Seria sonho? É puro pensamento? Não o sei. Fiquei sem entender o propósito desta vida... Que deprimente, você pensa. Também não sei o que irá acontecer a este papel, talvez voe com o vento e ninguém o leia ou mais provavelmente seja "emocionalmente" lido e deitado fora. Lixo..

Só queria que soubesses porque me tornei chata. Imaginava como teria sido nossa vida longe da poluição e sabia de teu valor. Mas o brilho foi sedutor demais, e assim continuei meu caminho. Agora, fiquei sem tempo e tu ficarás com a que te falar a mais bela mentira. Não chores. Ainda te amo. Fui.

22 Outubro 2018

4) É fácil enganar as pessoas. Elas só ouvem o que querem e assim nós só falamos o que elas querem ouvir. Simples.

É fácil dizer que está tudo bem quando sabemos não estar ou dizer que nada se passa quando dentro de nós, tudo se estilhaça. É fácil. Mas não é fácil nos enganarmos a nós. Ficamos sem fome, nos isolamos no chão dum pequeno quarto e começamos a escrever. Tentamos que esse nó se desfaça para que possamos de novo respirar livremente. 'Coisas da idade', eles falam. Eu espero que sim. Lá fora as pessoas são felizes. Não se fitam, mas compartilham uma risada superficial duma piada sem graça. Ou parecem felizes... Mas existem os jogos online e pessoas conhecem outras que nunca conheceriam e se sentem contribuintes de um mundo virtual. Quando se cansam, basta descartar e procurar novas opções. Dessa forma, o ciclo continua líquido e flui. Eu me tornei assim. E agora passo horas frente a um ecrã, passo meu número a desconhecidos e até mostro meu corpo. Nojenta. Feia. Imoral. Não sei ainda como dar a volta... Como se apaga a vergonha? Até lá, apenas sei dizer 'sei lá'. Isso agora também serve pra tudo...

23 Outubro 2018

5) Porque hoje eu tô plena
Me deixa em paz
Desculpa não ser mais a sua Madalena
Ele pensou que eu não ia falar
Mas se enganou,
Meu amor, já tô no ar
Você era chocolate
Eu sua baunilha
Mas decidiu me foder
E se enrolar com sua prima
Porque hoje eu tô plena
Me deixa em paz
Desculpa não ser mais a sua Madalena
Agora muleke se arrependeu
Desculpa bombom, meu amor já morreu
Queimei seu cheiro ninfomaníaco
E fiz dele meu smoke afrodisíaco
Porque hoje eu tô plena
Me deixa em paz
Desculpa não ser mais a sua Madalena
Não faço rima pra você entender
Também de tão burro nem ia perceber
Siga em frente se souber o caminho
Baby, és meu pedaço de mal
Te ofereço até um cravinho
Porque hoje eu tô plena
Me deixa em paz
Desculpa não ser mais a sua Madalena

29 Outubro 2018

6) Ouço os gritos das crianças. Lá ao longe, afagados por um sol que começa a raiar e um corpo que de tão preguiçoso não se força por erguer.

A visão está turva e pergunto-me se realmente acordei. Vejo os lençóis abertos no outro lado da cama. Ele já saiu e eu mantenho-me zozza neste clima de frio. Tenho torradas à espera de tostar, plantas a regar e até um muco na boca a cuspir. Mas não me apetece levantar. Hoje é sábado e sei que os vizinhos tratarão de incrustar em meus ouvidos os seus sons irritantes de aspiradores descontrolados e brigas sem sentido. A menos a meu ver, acho que eles fazem disso o seu matinal prazer. Estico a mão, as pernas, o braço e tento alcançar o relógio que pousei na cómoda. É realmente tarde. Mas não me importa. Hoje é sábado. Caí. Ai como sempre odiei aquela ginástica de cambalhotas e posições complexas! Meu equilíbrio é eufemicamente péssimo. Não sei para quem escrevo, talvez para acalmar esta consciência que hoje me desafia os sentidos, na busca de um fugaz protagonismo. Chega, irei me levantar. E assim fica mais uma rima por acabar.

2 Novembro 2018

7) Era o melhor som das manhãs. Quando as ondas apaixonadamente batiam nas rochas e logo de seguida deixavam para trás um silêncio molhado. Estou aqui na varanda a arrefecer ao vento o chá quente que preparei. A casa está bem situada. Dois andares e uma vista para o horizonte. Ele é um louco. Mas concretizava essas loucuras. Me lembro quando desejou uma gravidez.. Ihe havia dado o maior desgosto ao falar que era estéril. Foram tempos difíceis mas ele os suportou. Ele é um anjo. Acabámos por adotar uma iguana (sério!) e a partir daí nos tornámos lunáticos. Viajámos sem sentido, conhecemos centenas de almas e havíamos passado mais horas em raves que no quarto. A iguana está ali embalsamada, as cartas de nossos amigos guardadas e eu imagino tudo o que teria acontecido mais se ele apenas não tivesse aceite aquela estúpida reportagem.. Mergulho todos os dias na esperança de o encontrar. Mas nada vejo. Acho que um dia destes acabarei por me afogar...

10 Novembro 2018

8) Vivemos neste mundo de mentiras
Com máquinas trajadas de humanos,
Um brinde ao pó que nos acalma as iras!
Será hoje que ficaremos sanos?
Ilusão. Esperas por algo que não existe
Imaginação. E nisso tua mente insiste
Vais perder o comboio! Vamos!! Corre!!!
Ou és flor que seca murcha e assim morre?
Ouço vozes mas não as vejo. Falam comigo, me desafiam e atrapalham minha razão. Será
isso praga, minha alucinação?
Chutas palavras num pedaço de papel, tentas mantê-los acordados. Ou é isso um pedido de
atenção?
Já ninguém liga às aulas. Encomendam roupa e até marcam viagens durante a lição. Planeiam
a fuga. "Estuda ou chumba" era o epíteto da realização.
Vejo beleza nesta terra de asfalto e tijolo. Escondida se mantém pura, mas é em si fatídica
pelo mau agouro. Querem-na tatuada e igual, vestida de ovelha, mais uma rele canção banal.
Desenharam um futuro brilhante que te cegou e caminhaste entre eles, manipulado robot. Mas
quebraste teus espinhos e desapareceste. Minha esperançosa lágrima se tornou chorosa, por
favor volta a brotar, fiel e única rosa.

14 Novembro 2018

9) Não lhe ofereças flores, irão murchar
Leva-lhe antes ao parque, para passear
Tem cuidado com o sol, está escaldante
Vai antes para aquela sombra distante
Dá-lhe a mão e fita o seu olhar
Sente a pulsação e deixa-te levar
Não lhe faças elogios, será óbvio
Embebe-te antes, de seu ópio
Não digas nada. Fica em silêncio
Torna-te um verso solto
Dá-lhe espaço para que suspire
E torna-te ar para que te inspire
Controla-te. Não te precipites
Atira-te para o chão, olha para cima
E aprecia o céu, a mais bela rima
Vossos corpos tremem de desejo
Imortalizem-se. Dispam-se de segredos
E compartilhem vossos medos
Mais que a carne, unam-se em alma
Voem ao sol e perfurem a atmosfera
Depois fecha os olhos, apenas sorri,
E diz-lhe que, foi por te amar, que me descobri.

27/11/2018

10) Revira-me os olhos, finge que me ignoras
Só pra não admitires que no fundo me adoras
Escutas as minhas rimas curtas e grossas
Nestas tortas linhas, cuidado, não caias nas fossas
Meu bem, escolheste o caminho errado
Te levaste por essa alegre fantasia
E não tens agora opção senão seguir este trilho cerrado
Ris-te sem piada, saboreias sem gosto
Olha-te ao espelho, e aprecia teu hipócrita rosto
Expulso estas palavras pra não enlouquecer
Obrigada amor, por me fazeres enriquecer
Não te esqueço nem te apago
Não te odeio e muito menos te mato
Sou lírio da paz renascido da lama
E é apenas por mim que tua loucura chama.

27/11/2018

11) Fica com ela. Fica com elas.

Não quero mais teu sexo. É pouco para mim. É uma satisfação momentânea e eu te quero até ao fim. Elas que te fodam. Eu não sou assim.

Quero que me contes segredos e intrigas, fofuquices e enredos. Que teças palavras que soltas valem nada e que me faças da tua voz ficar cansada.

Quero transcender. Fundir nossos pensamentos, dissecar a tua alma e a minha te oferecer.

Quero te conhecer.

O tempo acabará por nos refinar. Tornar-nos-emos sábios e capazes de opinar. Sobre a vida, e o que é amar.

Somos batizados pelo universo e é por ti que escrevo cada verso. Vejo-nos à luz da lua, agora numa terra árida ou numa tela nua. Nossos filhos há muito partiram e nossos parceiros, coitados, morreram. Somos um outra vez.

E eu feliz te observo enquanto esta coisa reles lê.

29/11/2018

12) Cabeça macabra, maquiavélica e sarcástica
Prepara-te amor, é dia de mudança drástica
Me cobre com o véu, voltei a ser santa
E me sinto preparada para mais uma matança
Fui confessar minhas dores e pecados
Ao padre mais belo daquela pequena cidade
Imaginas o que aconteceu, mas tive cuidados
Olha pra mim, já conquistei a liberdade
Seu sangue escorreu em meu peito ardente
Fitei seus olhos e suas pálpebras cerrei
Foi ele o último homem que deixei interferir com minha mente
E o que mais deliciosamente beijei
Seu corpo era esculpido, moreno e elegante
Suas órbitas eram grandes de azul diamante
E sua voz era calma nesta vida cavalgante
Imortalizei-o nesse quadro que agora aí vês,
Caro leitor, não te apresses em tudo o que lês
Que esta alma doente e cheia de ironia
De manhã se satisfaz ao juntar palavras bagunçadas em sintonia
Falam de morte, desejos e loucura
Tudo para descrever uma mártir pintura
Presta atenção, é 1 de Dezembro
É preciso renascer e esquecer o passado
Apesar de ser dele que apenas me lembro,
Não é mais de um caso a óleo gravado.

01/12/2018

13) As árvores finalmente se revelaram e a casa se encontra agora rodeada por um matagal de tom verde folha. Gosto do verde. Estamos em Dezembro e tem chovido mais do que em anos anteriores. Não gosto da chuva, mas sou viciada naquele cheiro que ela deixa pela Natureza. O inspiro, e transo.

Fiquei assim por dois dias e por isso é bom não ter muita vizinhança. Bem, exceto daquela vez em que desengonçadamente me esqueci do caminho de volta e tive de ser o Sr. Jaime (o fazendeiro aqui do lado) a me salvar daquela que teria sido uma embrulhada do além. Alá, que ele estava a inspecionar aquele pomar centenário, e que segundo o próprio, havia sido plantado após uma daquelas apostas que se fazem de quando já há muito tocaram as treze badaladas. Mas bem, a bagaça sempre deu frutos, não é assim?

Ele não gosta que eu saia e imagina só se tivesse descoberto! Tem medo que tropece ou que seja picada por um bicho malandro. Mas a minha inquietude não mo permite. Preciso cavar a terra, apanhar os rebentos e trabalhar naquela carpintaria que deixei inacabada. É

por isso que escrevo. E como sempre, te guardo este diário para um dia rirmos juntos. Como te espero! Mas é compreensível... Te queremos ver. Tocar. Sentir. Ainda estamos a decidir teu nome. Talvez Lucas ou Caio. Ou Nicolas, em honra de teu avô. Mas o teu peso que se começa a fazer sentir em minhas costas me impede de raciocinar. Já faltam poucos dias e teu pai e eu não suportamos mais este êxtase. Ele então, parece um louco. Trabalha dia e noite, e amanhã acabará o teu quarto. Olha que terás uma vista privilegiada hein? Minha coisinha.

Estou cansada, depois te escrevo mais. Te amamos, meu filho. Dorme bem.

12/12/2018

14) Se chega ao final.

Mas me apercebi de teu olhar e tuas expressões. Desconfortáveis. Ansiosas. Falam que é do Natal.

Não sei.

Mas me apercebi de mim e minhas orações. Decisivas. Felizes.

Não quero mais os outros. Agradar os outros. Sorrir para os outros. Presentear os outros. Agradar os outros.

Quero-me a mim. Em casa, num robe de cetim. Quero-me a mim, perfumada de jasmim.

Quero-me a mim, e a só a mim dizer que sim. Quero-me a mim e apenas ser como sou, assim.

Quiçá até fazer um pudim. Quero-me a mim.

Não faças para os outros, aprendi.

Dá valor ao que realmente tem valor e sê para ti.

26/12/2018

15) Somos dois pedaços de carne suados desse calor tropical

Quietos na sombra, estamos presos em uma alma que se proclama marginal Enquanto as folhas das palmeiras se mantêm estáticas nesse vento quente E tu fitas olhares com esse sorriso que dá as caras por um coração que mente.

17/03/2019

18 de Janeiro, 2021

Teria perdido a criatividade
Naqueles tornados, anos de ansiedade
Teria ido demais ao Norte sem regressar a Sul.

Teria esquecido aquela bandeira verde e azul?
Não acredita e nada pode prometer,
Não sabe e talvez não venha a saber.

Perguntas sem respostas há que saber esquecer..
E não querer, de voltar atrás e ir tentar saber!

Hoje sai tudo forçado, sem qualquer tentativa
Era essa aquela moça apelidada de criativa?
Hoje não lembra o que leu, nem o que escreveu
E muito menos ontem, o que comeu.

Teria ido demais ao Norte sem regressar a Sul?
Nem sei, sei lá. Espera um pouco, cai e jaz.
Seria a falta de sono, a perturbação da paz
Ou o excesso de sonhos que a saudade traz?

Não sabe e talvez não venha a saber...
Porém hoje, quis voltar a escrever.

Contos em Inglês

Film Review of Bicho de Sete Cabeças // Brainstorm

Recommended by a friend, the movie was based on the autobiographical book *Canto dos Malditos* ("Corner of the Cursed"- hopefully well translated) by Austregésilo Carrano Bueno.

This is/was a real and raw story lived by a young man who at the age of only 17, saw his life suffering an imaginable turn when his father forced him to be sent to a psychiatric institution when a marijuana cigarette was found among his belongings. A turn that leaves us thinking: are things really as they are? Are we deeply informed about what happens when life changing decisions are made? Are we willing to accept the consequences?

Austregésilo Carrano Bueno was a national representative of users in the psychiatric reform of Brazil, having received on May 28th of 2003, a tribute by the former Brazil president Luiz Inácio Lula da Silva, for his fight and commitment in the construction of the national network of substitutive works to psychiatric hospitals in Brazil (translated from: <https://oglobo.globo.com/cultura/morre-aos-51-anos-austregesilo-carrano-bueno-escriptor-que-inspirou-bicho-de-sete-cabecas-3615829>). He died at the age of 51, in 2008.

Neto (interpreted by the international Brazilian actor Rodrigo Santoro), was an adolescent leaving a normal life in the streets of Brazil.

The relationship with his father was, in my opinion, one of core aspects (if not the most important) the movie allows us to see a negative gradation from the beginning to the end. They had their disagreements, a situation quite normal for a teen. However, Neto smoked marijuana, something he would never tell to his parents, and something he was never expecting them to know. So when his father innocently grabs his jacket dropped on the floor and sees the cigarette, that would be the last drop. Something had to be done. Neto would have to suffer consequences.

From this point to the end, the movie focuses on what it was meant to show: what happens behind closed doors.

Psychiatric institutions should be a place where people would be helped with in this case, with their addictions, with their psychological states and forwardly, with their reintegration to themselves, to who they "goodly" were. The History of psychiatric institutions goes back to the medieval era, and even before, having arisen as a threat to the order and social peace. People were considered "mad" or "crazy" without an understanding of the real situation, and many of them were kept in convents to be "treated" (many torture techniques were used in order to keep the patients calm, for example through the electrical shock- situation addressed in the movie-, or the use of straitjackets). After the 19th century, there was an "upgrade" to this facilities and it is possible to say they gain a certain statute, even though many of them kept unregulated and unclear, as a way of isolating the individual rather than treating him as we see on the movie.

So getting back to the review, strong scenes were used to demonstrate the poor, cruel and inhumane conditions this "hospitals" kept their patients in. Along the movie, Neto tries to explain to his family and especially to his father (who put him there), what was happening and how he desperately needed to get out of there because he knew the doctors didn't care. No one cared. In fact, he even hadn't been examined. The answer? It was the corruption who kept these institutions going. Money kept them going. A situation confessed by the doctor itself and

passed by the ears of Neto's father without any sense of critic. No one listened to the young man situation, so it only got worse when to keep him calm, electric shocks were given. And he became numb. Neto at that moment was gone. Instead of being helped, the institution was contributing to a growing alienation and madness.

Considered then more relaxed and "better" he returned home in an attempt to reintegrate him back into the society, but right after he returned to another hospital. This was his life from there on. Due to his behavioural issues, always without any attempt of examination or even a simple talk, he was continuously sent to mental hospitals.

That young and free teenager would never come back. So in the bottom of desperate, he sets his own cell on fire as a way of setting himself free from that life. However, the guards were alerted and he managed to survive. After that, his father took him out but their relationship was over. A long time ago.

After watching the movie, I think it's also possible to analyse the subjects around Neto and how the lack of information was the engine that triggered all the plot. His mother was a woman passive in life, she seemed to not care, was submissive and accepted the solutions provided. His sister, lived outside the reality which can be supposed when confronted by Neto (who said that he had to get out of the hospital), replies: "But the garden is pretty". And then, his father who faithfully believed in a corrupted system, judged and rejected his son as a generalized preconception of what kind of person he was being associated with drugs and, most importantly, didn't give his son a chance to explain.

I think that the most important factor missing in this traumatic story was the ability to Listen. Adolescence is a confusing time where people are finding their selves. There is a huge social pressure to correspond to the ideals of what we should be or not to be, of what we should do or not to do. Without patience, a bit of understanding and help, it is a phase that can be complicated to get through. And that was what happened to Neto.

In regards to the movie, there are two symbols worth to be noticed: a cap that is given by an old veteran man in the institution, to Neto with the objective of protecting him from the cold. But the real message of this object is to reinforce the need to stay sane. To not dive in that decadent life. To stay strong. To protect his mind from that maddening reality. The second was a letter Neto wrote to his father. This symbol represented the only time his father gave him attention to what he had to say, the only time he listened to his son. The problem, however, was that it was too late now.

At the end of the movie before the credits, we get to know that in 2001 (the year the movie was released), 70 thousand people were kept in mental institutions in Brazil. A scary reality that leaves us thinking, that all of that didn't have to happen if only an opportunity was given, the system was made to take care of the patients and giving them a chance to have a future reintegration into the society, and if there was enough information of what it's done inside this asylum institutions. Transparency was missing. A need to change was missing. This fact reinforces the need to never forget the importance of people as individuals and stimulates an implantation of a Psychiatric Reform that never stops improving.

In the final, the movie justifies the original Portuguese-Brazilian title "Bicho de Sete Cabeças" (1), through a song by the Brazilian musician Zeca Baladeiro with the same name, as a critic to this autobiographic story.

Consumerism

TODAY, AUGUST 2ND 2017

Today's day is marked by being the Earth Overshoot Day. We have by now used MORE than the Earth can give us for a whole year. "We use more ecological resources and services than Nature can regenerate through overfishing, overharvesting forests, and emitting more carbon dioxide into the atmosphere than forests can sequester". After today the continuously amount of consume we make will represent proportionally a bigger debt to our planet and to the future generations. [Learn more at <http://www.overshootday.org/>]

We have been consuming MORE, buying MORE and wasting MORE. 99,9% of the things we buy we do not need. So why do we buy them? We are a CONSUMERIST society and the only thing we care about is us. We always want to have the latest versions of things whether to gain some kind of status, feel good about ourselves by media misleading, peer pressure or to publish the new acquisition with a fake smile on Instagram.

Marketing has something to do with this and in the future, I hope to be able to make my impact in the opposite way: change the compulsiveness idea of being satisfied with things to an education of what really matters. Because the truth is that there are ways to turn the situation around.

Living according to Minimalism is one of them: is to be free of things. To have control of our life and happiness without depending on them at the same time we gain a sense of consciousness. [Read more about it at <http://www.theminimalists.com>]

After today, reflect: do you think it's really worth to continue to live like this?
#EARTHOVERSHOOTDAY

The Cupcake Killer

This horror story is based on experiences lived by children who were lucky enough to escape from this terrible monster.

We're in the year of 1940 in the Second World War. In a remote place, far, far away from what we can see or think, lives a Jewish baker. He has no family and is isolated from the world. However, he has the dream of ending the war.

To achieve that, he created a weapon to destroy all the mean and cruel people. Since he lived near an abandoned nuclear factory, he had the idea to grab and gather some things to help him in the project. But what he didn't know was that the old things which he had collected were infected by nuclear waste. It was radioactive.

The baker was extremely confident in what he was going to do. But the result was what he didn't expect: he had created a monster. He gave life to a self-thinking cupcake weapon. "This couldn't have happened"- he thought. The baker felt guilty for his horrible creation and decides to destroy it.

The cupcake discovers the baker's plan and to prevent his death, he grabs a knife and chops off the head of his creator. With anger, the cake runs away to the woods.

He walks for days until he finds a town full of children. The horror had arrived.

At the entrance, the cupcake laughed in a creepy way and smiled to the knife he had in his hand. He had work to do. The cake ran through the town and cut off all the children's heads, then hanging them in the trees. No one survived.

The cupcake looked around, smiled and even covered with blood, he wished he had more and more blood.

The true ending of this story was never revealed.

Some people say that the children's parents arrived to the town and hunted the cupcake. Others say that with the blood, the cupcake faded away. But one thing is certain: the cupcake was never found and is suspected that he's still alive, what makes grow even more the mystery and the terror until today.

The World Around Us- Drinking Water from the Sky

Everyday we place our trust in the water we need for our daily routine. We believe that the water used to brush our teeth, take a simple shower and to cook is safe. But can you imagine if that same water in your glass wasn't totally cleaned? If it was contaminated?

New York, known as the city that never sleeps, the big apple or just the city where every dreams come true, it's the most populous city in the United States, with an increasing record established last year of 8, 33 million of people.

Being this an urban area well developed and overpopulated, the edification of the city which has inspired many film directors to use the endless buildings and the skyscrapers as scenario- had to find a way of carry the water to all its residents. We're talking about water supply systems.

The rooftop water tanks have been part of the drinking water distribution system since the 19th century as buildings grew taller and taller, and this because the pressure exerted by the normal pipes couldn't overcome the force of gravity to upper floors. These tanks can provide water and maintain water pressure. Thus, New York City required that all buildings higher than six stories were equipped with a water tank. Currently it is estimated that 12,000 to 17,000 of them are in use.

As to its construction, despite existing water tanks made of different kinds of materials, wooden ones are preferred because they can be easily transported to rooftops in parts being built on the scene and cost less.

And if you are wondering how do they work, the answer is extremely simple: the water that comes from six giant upstate reservoirs in the Catskill Mountains, passes through treatment plants that ensure the water is clean and safe for drinking (potable) –this waters are regularly tested-, and then travels via underground tunnels and smaller water mains until it arrives to every city neighborhood. When it does, a standard pump placed in the basement of the building lifts the water to the tank and when someone needs to use the water, gravity assures a natural downwards flow and sufficient pressure from the tank.

This "water warehouses", can hold fifty times the amount of a normal backyard in-ground swimming pool which contains about 20 000 to 30 000 gallons- almost five million liters! And it's never empty: when water drops below a certain level, a float valve in the tank sends a signal to the pump and this one will lift the water to the tank refilling it, a mechanism very similar to a toilet.

Practical and helpful the idea of a "water bottle" in the sky seems perfect, but there is a worrying problem: the majority of these rooftop water tanks have not been cleaned or inspected in years. And it all starts when assuring water quality becomes the responsibility of property owners.

Respecting the city's own survey, sixty percent of the landlords do not certify that their tanks adhere to health regulations. The New York City Health Code requires that owners of buildings equipped with the tanks must take samples to analysis and inspect them, at least annually. Clearly in reality this does not happen, because the owners aren't required to submit proof to the city that cleanings and inspections have been conducted.

Logically this lack of cleaning and maintenance has consequences: they could present a potential health hazard to the million of residents who get their drinking water from them.

Samplings taken by the New York Times (an American daily newspaper), from water towers at twelve buildings found E.Coli and coliform. Both are bacteria, commonly found in the intestines of animals and humans, and whose presence indicates that the water may be contaminated with human or animal wastes. They are used by public health officials to predict the presence of viruses, bacteria and parasites disease-causing. A positive result for either sample means that the water isn't fit for human consumption.

Looking for an expert opinion, The NYT consulted a prestigious doctor and public health microbiologist. Stephen Edberg who studies bacteria found in the environment (also the inventor of the test for bacterial contamination in drinking water), said: "Fecal contamination means that the towers are subject to animal intrusion like birds or even squirrels" alerting to the fact: "if any part of the tank gets contaminated, all of it is contaminated".

There is one particular case related to environmental contamination in water tanks: a man was concerned about its water supply since his tank was eight years old and had never been cleaned. When he opened the tank, he found pigeon droppings. Inside, the water was brown. He complained to his landlord but this one said the tank was fine. He called to the health department but no one answered. Ultimately he drained the tank himself and found layers of muck at the bottom. Then, he tried to clean it with specialized products but couldn't get it all out. This case was only solved when one day he found a pigeon bone in a strainer and it was here that the owner agreed to have the tank professionally cleaned.

Attending to the NYT report, the buildings in the survey were fined. Nevertheless, the health department said it has no plans to expand the enforcement of the laws on water tanks. However it will continue to consulting the property owners about rooftop water tanks inspections, cleanings and requirements.

(Adapted from The New York Times)

Some people have the lucky to open a simple tap in their homes, such as New Yorkers and the water flows naturally through it, even though its source may not be totally

"transparent" as we know. But in other areas of the world the situation is radically different.

We're in 2014 and 780 million people still lack access to clean drinking water. Places like Africa and Afghanistan suffer from water scarcity. This problem is becoming one of the most critical issues of mankind.

The good news is that there is a solution capable of saving lives. The Sawyer water filter is being used by many NGOs who help these people. It's a simple system: "a bucket with a thin hose attached to a nozzle that can clean million liters of water."- citing The Guardian (a British daily newspaper).

"This filter is based on the technology used in kidney dialysis machine. Each filter is made up of tiny tubes with pores hundreds of times smaller than the diameter of a human hair. These pores remove deadly bacteria and allow only clean water to pass through for drinking. Water from rivers, ponds, puddles and rainwater can be filtered through the system and safely drunk."- TG. Therefore is highly efficient.

People who live in this condition frequently drink the almost nonexistent water they find wherever they find. They drink water from the sky.

Curiously, this spring is in action the Water Tank Project, a project that has the aim and the intention of raising awareness about water scarcity as well as water conservation. To achieve that, several artists, notable figures in music and science and local public students will all contribute with their designs to transform 100 water tanks across New York City in pieces of art. Almost a hopeless problem, efforts are made every single day to ensure our lives and our health. Because we're not protecting the water, we're protecting ourselves!

We are water!

11th Grade

-Written by Inês Reis, No. 11

-Discipline: English

-Due date: 11th May 2014 (Sunday)

That House

The house is now just an empty chest of memories. It had gained life when a young couple moved to the Island. Both were ambitious and happy, enjoying the breeze at sunset and observing every gesture of every people in the small town. There was never anything that could separate them. No conflicts, only a peaceful harmony.

One day, they went sailing. The weather was good and a joyful calmness in the air was even possible to taste. It was the perfect day. But the boat never reached to dock. Some say their adventurous spirits made them cross dangerous waters and the worst happened, others say they temporarily left and that someday will come back.

It could have sounded the ideal love story if only this note had not been left: " You can only stay when you truly belong".

(Inspired by a photo I took in Oban Bay, looking at the Isle of Kerrera) April 2017

Teenagers in the 21st Century

When talking about teenagers, the first thoughts coming to our minds are negative: they're wild, irresponsible, immoral and violent. But if we look carefully to their situation, adolescents are just the product of our actual society. Nowadays, teens have to face serious and several daily problems related to the economical crisis, peer pressure or family issues and have almost the obligation of being always connected to the on-line world.

However, there is another side of teenagers which is often forgotten. In the 21st century, teens have an important role: they innovate, change and make the difference in the world. An example is the so many apps they create. Teens also place high value on honesty and hard-work, they're creative and quick-learners and the majority is involved in positive activities like volunteering and international organisations.

It is said that teenagers are naive but the truth is the future couldn't exist without them. It's in their hands.

Free Societies

Freedom of speech is one of the human's basic rights which are protected in the Universal Declaration of the Human Rights. This means that every human being has the right to express themselves through every means of speech.

The freedom of speech constitutes one of the basis of democracy where each one of us participates actively in the decisions made by the politicians. People can practice their right to vote to elect the government, for example. With this, everyone has a voice.

Everyone is a singular individual with their own personality and therefore, a society is said to be free when their citizens are respected according to their own voices.

However, this right still suffers attacks when exercised, such as what happened with the French satiric newspaper Charlie Hebdo whose freedom of speech was condemned by censure (there is no coexistence between these two opposite terms).

Representing an unlimited concept of ideas and opinions, freedom of speech is the only way a society can progress because if it did not exist, free societies would not exist as well.

Gravity

It was the light that held you from drowning. At the edge, you felt already immersed.

Shining, she divided you into two halves. One to remind you who you were. Other to show you your new path.

The light had been so strong that smoothly, managed to control Gravity.

"You won't fall" she said. You heartily listen.

Today you still slip sometimes, however, you had never thought of surrender again.

We

For a long time, it was thought that the human being was the result of a determinant code inscribed in the millions of microscopic cells of the organisms, but the times changed, as well as the mentalities and theories.

The brain, present in animal species, has specialized functions that are unique to Man. As far as he is concerned, although we all belong (without exception) to the "building" of the human species, we do not live all in the same apartment. Each one of us is born with a brain that will become with the time, individualized and therefore different from all the others. This means that each person will be the architecture of their "mental city" and will draw their map, just like their fingerprint. Thus, the process of cerebral individualization is essential in the construction of the Man as an individual.

We are biological beings inserted in a society and a culture and these components are not independent, quite the opposite, they interrelate. The well-known phrase "We were not born human, we became human", can be verified here.

The Man is like a piece of clay waiting to be shaped or a "kit" to be assembled. In the intrauterine environment, the first interactions of the still individual embryo, begin with the environment. Later, he will be taught by the society and marked by the culture in which it's inserted. And so it will become a bio-socio-cultural being until the end of life, a status gained thanks to the slowness of the brain development.

It is known today that the brain and the human body itself need about two decades to complete its development and that the phases of childhood and adolescence will be very long periods to provide it with the necessary time. This 'slowness', however, is beneficial, because it enables the brain to adapt to a certain context and its resulting outcome. This is one of the characteristics of neoteny (maintenance of characteristics and young traces for a long time).

Another characteristic that makes the human being an individual is the fact of being born unfinished and premature. This immaturity or biological prematurity will aid in its construction. Only with 25% of its development, the remaining 75% will be a product of its ability to adapt and interact with the environment. This incompleteness is something that constitutes a great advantage, if not the greater, the capacity of learning. By contrast with other animal species, Man has an open genetic program, allowing its modification when interacting with external factors, that is, with the environment, being that it isn't what we have inscribed in the genes that

make us humans, but rather what we do in the middle with what was transmitted to us hereditarily. This genetic opening is only possible due to the biological immaturity of the human being.

We could have been born with claws to hunt or fins to swim, but we would be limited due to this great specialization, since in another context that not destined, we would not be able to write nor to walk, for example. We are "open" to the world and we learn. We are flexible and versatile, rather than determined to be in a certain fixed and immutable way, in which case we would lose our ability to adapt and learn.

It is said that "Man is a creature of habits" and is well said, because if we want to be in a certain way, we can become as such, with no barriers to knowledge, change and adaptation. For this, another factor, the cerebral self-organization, contributes: this organ modifies itself according to the mode of response to stimuli of the environment. It strengthens the stronger, more used and requested bonds, cutting and destroying the unnecessary ones. In this way, it provides a great level of efficacy and specialization to the individual with respect to a certain activity, for example, and reduces the waste of neurons that would work without purpose, thus having a great autonomy.

It also reveals its plasticity, being a "brain map" continuously altered depending on the experiences lived by the individual. This is an aspect that greatly favors the possibility of the human learning. It should also be noted that the human being can be programmed and/or deprogrammed. For example, a person who is dependent on drugs or alcohol can learn to leave this bad habit, taking help preferably because it is a difficult process.

Adjacent to all these concepts, there is the epigenetic theory also called constructive theory, which says: we construct ourselves, the interaction with the environment being an action on the genes themselves. We are influenced by the environment and we are not destined to fulfil our genes alone.

There is then no brain equal to the other, not even in homozygous twins, since that from our birth to our physical death, we are creating a history influenced by innumerable stimuli. Our own story. We are a carton of cards that is only completed when we die until then we fill it with our experiences and personal experiences that only Life can provide. And the best is that there is no other like this!

(Text written for Psychology in the 12th grade; 18years; 19.5/20)

I tried to translate the best I could, sorry for any mistakes.

Poemas em Inglês

Gravity

It was the light that held you from drowning. At the edge, you felt already immersed.

Shining, she divided you into two halves. One to remind you who you were. Other to show you your new path.

The light had been so strong that smoothly, managed to control Gravity. "You won't fall" she said. You heartily listen.

Today you still slip sometimes, however, you had never thought of surrender again.

(17 years old)

13- Dreams

Maybe one day we meet each other in dreams,
Would it be selfish of me to ask?

They say people are nice and you'll be fine
It's kinda true. You have a world to talk to.
But I miss when we were alone, walking barefoot on our own

I wonder where the sun is, so heavy have been the skies... Would it be too much if I could only look you in the eyes?

I thank you for your patience. For your existence. For you. Every day. Things are still confusing though
Trapped, how do we run from this muppet show?

Time passes and doesn't even say goodbye!
I can see you sometimes. I think. I hope one day we can together be, But for now, just know you'll be forever in me.

(January 7th, 2018)

13- Lost

Wonder where do you go after the goodbye
I know life seduces you more than I
They envy your soul for its security
Of searching clarity and asking why
Hope you in you always rely

We drank bottles of the finest culture
Listened to the highest frequencies
And sailed through the deepest seas
But that mundane seed, she, was like a vulture.

Please lesson repeat yourself once more
If you can, take me to another shore
I'm lost where I'm at,
But this time I'll not regret.

(January 12th, 2018)

13- Fake

You always speak too much, attach too much
Reveal too much, stay true to you too much
You believe everyone's like you... naive! They're not. Or even such.

Look at them when you walk by
Empty shallows with no sparkle in the eye
Illusions are more tentative, I guess
Putting you sedative when playing their chess.

So stop the meaningless conversations
Until you're ready to get into equations

Oh darlin' save me your hate
While you stand there just being a fake
Promise I keep praying for your sake.

(January 14th, 2018)

13- Classic Rebel

That's you, that's me
Intimately free
Make the body reflect your mind
Ego is killing you, be kind

Take time for yourself, to care
Others will see, so do share

Bring light to life
Errorless, as a sharp knife

Rely on the stars
Easy, you won't get scars
Burn your old you and
Early start to sew
Love intimissimi, start new

(January 19th, 2018)

13- Snow

I think people are like snow
Only covered with a crystal glow

They seem the perfect water to dive in
But as always, you can never know

I wonder if you're one of them, I mean
You never appeared to seem

These past days things have changed
Conversations are getting more than arranged

I saw you as my mountain
From the beginning to the end
A place I could go to, to escape
Now I see you as another tape...

(January 19th, 2018)

13- Game Boy

You had offered me the most beautiful flowers
Had told me the most enchanted stories
Even had presented me to all of your brothers
But in the end it was all a facade, full of fake glories

It's stupid to think how I could of you, be so selfish
I know how you thought I was one more unseasoned dish

I honestly fell for your attention
For that warm sound that your mouth made when you laugh
What a shame that we cannot be in the same dimension

I'm a bit concerned with the next victim, I must confess you
Hope she can herself untangle from your attractive spider glue

You've lost. At the least the illusion you were able to destroy
Now I can clearly see that you were just a game, boy

(February 1st, 2018)

13 – Friday

You know, the problem was you were good. Actually, too good.
Unintentionally, you crossed some lines. And that's ok. Me too.
Forgetting still keeps being the worse. The wound is open. Like an ax stuck in wood.
And when that happens, dear, there are only two choices:
Finish the cut or die following temptational voices.

I've always admired Fridays, though... haven't you?
If you think about it, they're far. There, in the impatient end.
Where no one cares, where no one wants to be in.
That place that when they are, they feel they're committing some kind of sin.

Wicked. Have you also noticed they're the ones we keep waiting for?
Guess you were only a Wednesday or maybe, yeah definitely, a sleepy Monday.

Today I declare a rebirth. Remember a new cycle is just about to begin.
So darling', please, just celebrate this damn Friday 13.

(April 13th, 2018)

June 5th, 2022

She knocked on my door
And in silent steps I went to see who was
It didn't have a face and made no sound

I felt a breeze rushing through my skin
And in silent steps I ran from who she was

She often brings me back from the dead
As if I had for a long time fled
Most of the times I don't want it
I don't ask for it, or give a shit

But she wants me to commit
Poetry, she introduces herself

I think she thinks,
I'm just another puppet on her shelf.

June 6th, 2022

I keep learning from wonderful liars,
He used all his lines and fake stories

And with his empty words, I got undressed
I waited that for once, I was given some rest

I drank his potion, poisoned of secrets
And bathed in the river at moonlight.

I felt thunder and rain inside of my mind
And his essence was now on my sight.

The other day, he flew away.
And I had nothing more to say.

June 6th, 2022

To my first and last thought,
I feel you close even if we are far

We had exchanged over a hundred letters
Without knowing each other's names
And given to each other, a symbolic star.

He played the trompet and did origami
He had the best sense of humor
And he had kissed my deepest scar.

We had exchanged over a thousand words
Without hearing each other's voices.

He made me laugh and blush, and
Brought me tears of happiness at the same time.

And for him I wrote him this rhyme,
That for a long time was due.

To my first and last thought,
You are my dream come true.

June 12th, 2022

I don't really care about how you look like
Because one day you'll be flacid
Your hair will lose its shiny blonde color
And you'll need me by your side to cross the road.

I only want you as you are
I want to feel naked around you
When you make me laugh,
When you are endlessly romantic.

I want you always and forever.
I want you to penetrate me with your eyes
To warm my skin with your words
To lick all my sweat and tears of extase
To feel you inside of me, forever and always.
June 22nd, 2022

To my first and last thought,
I could write you a poem every day
And I would invent words only to say

That I sang and danced last night until I was tired but still couldn't sleep
Because every night you run through my mind
And when every morning we say hi
You take control of my heartbeat

You fill me with life and love
And each day you make me smile

All I think about is the touch of your skin
And your body close to mine
Your hands, and the way your eyes shine

To my first and last thought,
You are my favorite sin.

July 15th, 2022

After one night,
It all came down to ashes

You didn't put out the fire in me
Nor did you put me on fire
Like I thought you would.
Instead, I became a tsunami
Ripping through all your body folds
And drowning you in
What I thought would be a night of ecstasy
Only just, in my mind.

You undressed me like you did to your ex
Or still do, I don't even know.
I expected dangerous kisses
But I only got a couple of shots missed

There isn't much left to do
Then spread your ashes in the wind

Perhaps it all burned down
So you could be far away from my heart
And so that the phoenix in me finally takes her part.

October 9th, 2022

Fritz-Kola

He got me a Fritz-kola, flavour orange
He opened it for me, and we said cheers
While walking side by side, together
We kept wandering around the park
I held my bottle with my right hand
While he was holding his, with his left
Our empty hands were now side by side
Touching each other for brief seconds
I could feel his skin, warm, hairy and soft
I wanted more, I wanted to hold his hand
And I wanted him to hold me
We kept walking, spending the rest of the day together, drinking, and laughing
We stopped for a hot dog and
Chatted about the most random topics
Sitted next to him, I looked at him deeply
Not long after, we went on our own ways
Departing in different trains in opposite directions to far away places
Once more, we looked at each other
And he unexpectedly hugged me tight
All about him made me feel at home,
And I could only wish I was his home too.

October 21st, 2022

I force myself to write down some lines
Will she knock on my door tonight?
I take a sip of my unfinished afternoon tea
And look through the window
There's a breeze coming from the outside
Inviting me to get out and explore

I set the pencil aside and smirk
Hoping for her to arrive while I'm gone

Walking through the field,
Inhaling the earthy smell after the rain
I'm free and thoughtless, before
Closing my eyes to revive old fantasies
And my hands start shaking on an urge
to express all these distracting feelings

She's manipulative
But I'm tired today and I surrender,
Letting her penetrate my soul

Without her knowing that I'm still in control

November 7th, 2022

Only Saudade Remains

He's buried five feet down
In a place far away from town

You need to walk for a while
Stepping on wild flowers and weeds
Following a path embraced by olive trees

There's nothing but silence and trees
While he rests underneath our knees

Loudly among the branches, the birds sing
And be careful with the bees, they sting

He's buried five feet down and
There's nothing but silence and trees...

November 15th, 2022

I'm a draft

I'm a complete mess of words
Impregnated on a paper
Used over and over waiting for its final version
There's no one who'll want to read me
And when they do
They skimme me through
And toss me away
Because they couldn't find what they were looking for
I've come to know different places
And corners of places
In the dark
In daylight,

Soltos

February 24th, 2021 - La Noche Fuera

Mira me de abajo a arriba
Y sopla el último rastro de cigarrillo
El viento se hace frío en la calle
Y solo los locos pasan la noche fuera
Se escuchan la risa de una pantera
Qué vio la pequeña luz encendida
Y por su naturaleza hambrienta,
No esperará los primeros rayos del sol.

The end © 2008 - 2022
Last edited in January, 2026.

I kept all my original writings, even with mistakes.

It would mean the world to me if you happen to read this and want to provide feedback, corrections, or even illustrate some of my words. Please feel free to do so and reach out to me via email hi@inesreisx.com or tag me on instagram [@byines](https://www.instagram.com/byines).

Thank you for reading. Obrigada,

A handwritten signature in black ink that reads "Inês Reis". The script is fluid and cursive, with a large, stylized capital 'I' at the beginning and a capital 'P' at the start of the last name 'Reis'.